

Carolina Matos

**Mulheres Jornalistas no Telejornalismo:
a cidadania das que constroem cidadania**

(Volume I)

Dissertação de mestrado

Área de Concentração: Jornalismo

Núcleo: Jornalismo e Cidadania

Orientadora: Alice Mitika Koshiyama

ECA/USP

São Paulo

2006

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

Mulheres Jornalistas no Telejornalismo:
a cidadania das que constroem cidadania

(Volume I)

Dissertação de mestrado

Área de Concentração: Jornalismo

Núcleo: Jornalismo e Cidadania

Aluna: Carolina Leite Franklin de Matos

Orientadora: Alice Mitika Koshiyama

São Paulo

2006

Banca Examinadora

Resumo

Objeto

Esta pesquisa pretende investigar como está a qualidade de vida e de trabalho de mulheres jornalistas que atuam no telejornalismo hoje, a partir das histórias de vida de três jornalistas com mais de 20 anos de trabalho na área. Foram utilizadas ferramentas metodológicas da História Oral, de maneira que as entrevistadas narram suas próprias histórias.

Metas

Criar um vínculo de confiança entre autora e colaboradoras, que contam as suas histórias, bem como reforçar a importância desse vínculo para a realização do bom jornalismo, consciente e transformador. Para tanto, esta pesquisa busca deixar claro o relacionamento estabelecido entre entrevistadora e entrevistadas.

Abstract

Object

This research aims to investigate how is the quality of life and of the job of female journalists who act on the broadcast journalism nowadays. In order to do this work, it was used the same methodology of the Oral History to construct the history of life of three women who have been working as journalists at television channels for more than 20 years. Following it, the stories are told by their own protagonists.

Targets

Creating a strong vinculum of confidence between the author and each one of the woman who were interviewed for this research, as well as enforcing how important is this connection to do a good journalism. In that way, this dissertation aims to make clear for the readers what kind of relationship was built up among the author and the collaborators.

Palavras-chave

Mulheres, jornalistas, telejornalismo, cidadania, história oral de vida.

Sumário

Parte I – Introdução	p. 07
Motivações	p. 08
Parte II – Caminhos	p. 10
1) Mulher jornalista e o trabalho	p. 11
2) História Oral	p. 15
3) Escolhas	p. 19
Parte III – Histórias de Vida	p. 22
1) Maria José Sarno: corpo, mente e coração no telejornalismo	p. 23
2) Helena de Grammont: heroína de folhetim	p. 44
3) Mônica Teixeira: rota de saída	p. 60
Parte IV – Vida e Trabalho	p. 77
1) Ser jornalista	p. 78
2) Militância política	p. 80
3) Raízes	p. 81
4) Horizontes	p. 83
5) Mulher jornalista na televisão	p. 85
Parte V – Referências Bibliográficas	p. 87

PARTE I - INTRODUÇÃO

Motivações

Tratar de questões de cidadania que envolvam os profissionais da área das comunicações, especialmente os chamados formadores de opinião, é fundamental para localizar e questionar que tipos de valores e conceitos têm sido, afinal, construídos e/ou reproduzidos por eles.

Concentro-me na mídia televisiva por acreditar que sua atividade, bem como a dos profissionais que nela atuam, deve ser constantemente avaliada e debatida em razão da abrangência desse veículo sobre o público brasileiro.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1999, o Brasil tinha 87,9% das casas com televisão e só 82,5% com outro eletrodoméstico além da TV. São cerca de 40 milhões de locais com televisão, entre residências, bares, padarias, restaurantes, creches, escolas, asilos, casas noturnas, etc.

Os padrões de comportamento apresentados na televisão - e no telejornalismo - explícita ou implicitamente são absorvidos dia a dia pelos telespectadores, em diferentes graus e de formas distintas, conforme a camada social, econômica, etc.

E por que focalizar, no telejornalismo, a atuação das mulheres jornalistas e não de jornalistas de forma geral?

Primeiramente, uma motivação pessoal. Sou uma jornalista, atuo no telejornalismo (TV Globo) desde que me formei na ECA/USP no ano 2000 e, cinco anos de profissão depois, senti necessidade de trazer ao debate o dia-a-dia das mulheres jornalistas na televisão. Quais as conquistas, as expectativas, as frustrações, as batalhas dessas mulheres, de diversas experiências, formadoras de opinião na TV? Como elas vêem (ou não vêem) as questões relativas à sua cidadania, à sua qualidade de vida, à qualidade das ferramentas profissionais que estão disponíveis e também à qualidade do seu próprio trabalho? Que caminhos elas têm descoberto para trabalhar melhor e mais felizes e, dessa forma, entregar ao telespectador um trabalho com mais qualidade? Como ser ou sentir-se livre para produzir e efetivamente realizar pautas que contribuam

de forma positiva para a construção de discussões e valores sociais? Ou essas mulheres não pensam em nada disso? Ou, o que mais elas pensam a respeito? Sinto necessidade de investigar e refletir.

Em seguida, uma motivação política. Acredito que trazer ao debate a atuação profissional das mulheres é sempre importante e necessário para discutir questões como o machismo no ambiente de trabalho, os padrões estéticos que tenham (ou não...) que ser seguidos pelas mulheres, abordando aqui, especialmente, aquelas que trabalham em vídeo no telejornalismo, etc.

As mulheres jornalistas carregam a interseção dos conflitos de serem mulheres e jornalistas na sociedade de hoje, com suas demandas de tempo, profissão, família, salário, imagem. E, apesar do grande número de mulheres no jornalismo hoje, não há uma cultura de discussão, entre os profissionais dessa área, sobre o processo de que é fruto essa realidade.

1) Mulher jornalista e o trabalho

Quinze de abril de 1937. Cinquenta e dois jornalistas se reuniram depois do expediente para fazer um trabalho extra em uma pizzaria. Era o encontro que daria origem ao Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. Essa é a síntese do dia da criação do Sindicato descrito pela sua diretoria, em março de 1997, na apresentação do livro *Jornalistas de 1937 a 1997*, comemorativo aos 60 anos de fundação da instituição, lançado em 1998, de autoria do jornalista José Hamilton Ribeiro.

E o capítulo de apresentação, assinado pela diretoria do Sindicato, continua, agora textualmente (1998, p. 13): “Jornalista era sinônimo de boêmio, meio irresponsável, meio beberrão. Podia ser analfabeto ou semi-analfabeto. Enfrentava a estrutura do patronato com a fragilidade psicológica decorrente de sua errática e inconsistente formação escolar. O ambiente de trabalho era tão suspeito que nas redações não havia mulher. Principalmente à noite...”

Não há maiores explicações sobre esse “ambiente suspeito”, “principalmente à noite”, mas fica claro o ambiente de não profissionalização das redações na década de 1930, assim como de restrição às mulheres jornalistas.

Ao longo dos anos, essa situação se modificou, ainda de acordo com a mesma publicação. Em 1968, havia em São Paulo (capital) 3.926 jornalistas com carteira assinada: desses, 35,86% eram mulheres. Em 1993, o percentual de mulheres passava a 42,48%. No interior do estado de São Paulo, o percentual de mulheres jornalistas com carteira assinada era de 40,62%. (RIBEIRO, 1998, p. 184-185).

José Hamilton Ribeiro (1998, p. 161) aponta que o aumento da participação feminina nas redações de São Paulo (capital) começou a se tornar expressivo depois da década de 1970. “Em 1939, só 2,8% dos jornalistas de São Paulo eram mulheres; em 1950, esse número passou a 7%; chegou a 10% em 1970 e era de 40,2% em 1980, para atingir a maioria em 1990. Em 1995, sempre segundo os registros do Ministério do Trabalho, as mulheres reafirmaram de

maneira dramática sua hegemonia: 64,8% contra 35,2% de homens.” E acrescenta: “Em 1950, entre os formandos da Escola Cásper Líbero (de jornalismo), o número de mulheres era zero; em 1995, elas já constituíam 70,4% da turma.”

Infelizmente, esses dados, que refletem um cenário de 10 anos atrás (1995), são os mais recentes publicados pelo Sindicato dos Jornalistas de São Paulo.

Referentes aos anos 2000, encontramos apenas publicações pontuais sobre a situação em veículos específicos, mas que confirmam a tendência de aumento da participação da mulher jornalista no mercado de trabalho.

Por exemplo, um texto da revista *Imprensa* de junho de 2000. Segundo ele, nessa época, na redação do *Correio Braziliense*, de Brasília, 36% dos profissionais eram mulheres. No jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre (RS), 39% dos jornalistas eram mulheres. E em *O Globo*, do Rio de Janeiro (RJ), a proporção de mulheres jornalistas na redação era de 42%. (MOTTA e MENEZES, 2000, p. 23-37).

Mas Alex Criado (2000, p. 13-14), em sua dissertação de mestrado da ECA/USP, também do ano 2000, aponta que a ascensão profissional das mulheres nas redações ainda é um processo lento e difícil. E menciona dois casos emblemáticos. No jornal *O Estado de São Paulo*, onde, naquele ano, 44% dos jornalistas eram mulheres (148 de um total de 338), somente 9% delas ocupavam postos de chefia. E, no jornal *Gazeta Mercantil*, em que quase metade da redação era formada por mulheres, apenas 5% delas estavam em cargos de chefia.

Essa transformação do perfil das redações ao longo das décadas vem associada a muitas outras, no contexto das mudanças técnicas e econômicas dos últimos anos.

José Roberto Heloani (2003, p. 7) destaca: “Na atualidade, as organizações nacionais, pressionadas pelo processo de mundialização, substituem cada vez mais o homem pela máquina. Assim, novas tecnologias são implementadas nas empresas, obrigando o trabalhador a adaptar-se

rapidamente a elas e impondo-lhe um novo perfil profissional.” E prossegue: “neste novo contexto econômico onde os salários sofrem cada vez mais reduções e a educação emerge como a principal ferramenta de atualização, o trabalho torna-se cada vez mais seletivo.”

O pesquisador também destaca a facilidade que as empresas (de modo geral e não somente as jornalísticas) têm hoje em dia para monitorar e contatar os funcionários fora do ambiente e do horário de trabalho, por meio, por exemplo, de pagers, celulares, laptops e rádios. (HELOANI, 2003, p. 12).

Ora, essas tecnologias também estão disponíveis nas empresas jornalísticas. Aliás, nas redações de hoje, é comum ouvir comentários sobre como seria difícil, e mesmo impossível, fazer jornalismo sem essas tecnologias. Mais ainda na televisão, que, cada vez mais, apóia-se nos satélites para transmissões ao vivo ou para envio/recebimento de material pré-gravado de lugares distantes.

Na mesma publicação, Heloani investiga a relação dessas tecnologias, e das novas dinâmicas de trabalho trazidas por elas, com o nível de estresse, a qualidade de vida e a satisfação pessoal e profissional de um grupo de 22 jornalistas, sendo 13 homens e 9 mulheres. E vale a pena destacar alguns dos resultados apresentados:

“Todos os sujeitos, sem exceção, reclamam da falta de tempo para seus familiares, sendo que a maioria se queixa da dificuldade de constituir família.” (HELOANI, 2003, p. 35).

“18 dos 22 sujeitos pesquisados têm um tempo igual ou inferior a vinte anos de profissão, o que nos sugere uma carreira relativamente curta.” (HELOANI, 2003, p. 43).

“Um depoente alerta para a multifuncionalidade que caracteriza o jornalista ‘pós-reestruturação produtiva’. Parece-nos evidente que as mudanças no mundo do trabalho, em termos tecnológicos, impactaram de forma negativa a qualidade de vida dos trabalhadores jornalistas.” (HELOANI, 2003, p. 46).

E a conclusão mais curiosa da pesquisa:

“Chama atenção que a maioria dos depoentes, apesar da falta de infraestrutura e de outras demandas, fazem da profissão um verdadeiro fetiche. Gostam e muito, alguns nutrindo por ela verdadeira adoração.” (HELOANI, 2003, p. 54).

Na minha pesquisa, também pretendi abordar essas questões com as colaboradoras escolhidas, fazendo um recorte da discussão do ponto de vista de gênero.

Joan Scott (1988, p. 141) propõe uma definição direta e esclarecedora de gênero. “O conceito de gênero repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: gênero tanto é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos quanto uma maneira primária de significar relações de poder.”

De uma só vez, a autora nos aponta:

- Que o conceito de “gênero” é socialmente construído, e não “natural”, como os mais desavisados ou ingênuos poderiam pensar;
- A base sobre a qual esse processo de construção acontece;
- Que o conceito de gênero pode sim ser utilizado como categoria de análise, de compreensão e de explicação histórica de outras relações de poder.

Dagmar Meyer (1999, p. 114) também discorreu sobre o tema em um ensaio sobre gênero e saúde: “o conceito de gênero, introduzido por algumas estudiosas feministas a partir da década de 1970, buscou deslocar os estudos, que ainda giravam em torno da idéia de uma mulher dominada, para a dimensão da constatação relacional e da organização social das diferenças entre os sexos, desestabilizando, deste modo, o determinismo biológico e/ou econômico até então presentes em algumas vertentes feministas.”

A abordagem de questões de cidadania que são subjetivas, como qualidade de vida, satisfação pessoal e profissional (e o entorno desses temas, como saúde, família, etc), é mais eficiente e reveladora, na minha avaliação, quando feita a partir da construção histórias de vida. Nela, os vários aspectos se apresentam de maneira relacionada e, por isso mesmo, mais rica.

A história de vida é uma das modalidades da história oral.

2) História Oral

De acordo com o historiador José Carlos Sebe Bom Meihy (2003, p. 100), no Brasil, a história oral começou a se desenvolver “em função de dois fatores principais: a falta de tradições institucionais não-acadêmicas que se empenhassem em desenvolver projetos registradores das histórias locais e de tradições populares e a ausência de laços universitários com os localismos e a cultura popular.”

Ainda segundo Meihy (2003, p. 101), a história oral começou a ser mais procurada pelos pesquisadores brasileiros no fim dos anos 1970, desde a campanha pela anistia, e principalmente depois da abertura política, em 1983. “Notava-se uma grande vontade de recuperar o tempo perdido.”

Sônia Maria Freitas (1992, p. 17), no prefácio à edição brasileira do livro de Paul Thompson, *A Voz do Passado*, aponta que uma das primeiras experiências brasileiras com história oral foi feita em São Paulo, no Museu de Imagem e do Som (Mis), que tem se dedicado a preservar a memória cultural brasileira. Outras experiências ocorreram no Museu do Arquivo Histórico da Universidade Estadual de Londrina, no Paraná, e na Universidade Federal de Santa Catarina, onde foi implantado um laboratório de história oral em 1975. Porém, diz Sônia Maria (1992, p. 17), “a experiência mais importante e enriquecedora” tem sido a do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), sediado na Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, que dispõe de um Setor de História Oral desde a sua fundação em 1975. O CPDOC tem um acervo constituído principalmente por entrevistas com personagens da história política contemporânea do país.

Segundo Paul Thompson (1992, p. 22), antes do século XX, o enfoque da história era a “documentação da luta pelo poder, onde pouca atenção mereciam as vidas das pessoas comuns, ou as realizações da economia ou da religião, a não ser em tempos de crise, como na Reforma, na Guerra Civil Inglesa ou na Revolução Francesa.” E Thompson prossegue: “em parte, porque os

historiadores, eles mesmos pertencentes às classes que governavam, consideravam ser isso o que mais importava.”

É a história oral que vai promover o reencontro do historiador com as culturas locais e com os fatos cotidianos, democratizando a história. Ele sai dos gabinetes e vai às ruas, torna-se entrevistador. Com o trabalho de campo, os oralistas “vêm-se longe de suas mesas de trabalho, compartilhando de experiências em nível humano.” (THOMPSON, 1992, p. 29).

Segundo Meihy (2002, p. 168), a entrevista possui três etapas: a pré-entrevista, a entrevista e a pós-entrevista.

A pré-entrevista corresponde à etapa em que o pesquisador se prepara para realizar a entrevista. “Nessa fase, é importante que as pessoas a serem entrevistadas tenham conhecimento do projeto e do âmbito de sua participação. Quando possível, indicações de como se chegou a este ou aquele nome devem ser explicitadas.” (MEIHY, 2002, p. 168).

A entrevista propriamente dita, de acordo com Meihy (2002, p. 168), deve ser feita sempre pessoalmente (e nunca por email ou telefone, por exemplo) e precisa ser gravada. “Munido de gravador testado anteriormente e fitas para eventuais necessidades, o oralista deve criar para a sessão um clima de solidariedade profissional, aberto ao aconchego, à confiança e ao respeito. Recomenda-se que, independentemente dos acertos anteriores, com o gravador ligado seja retomado o tema do projeto e salientado o papel do colaborador.”

A pós-entrevista é a etapa que se segue à realização da entrevista ou das entrevistas. Agora sim, cartas ou telefonemas para o colaborador devem ser recursos para estabelecer a continuidade do processo. Caso, nessa fase, o depoente conte algo importante que não esteja gravado nas entrevistas, o oralista pode incluir as informações em seu trabalho desde que seja autorizado pelo colaborador. “Quando isso ocorre, recomenda-se que seja chamada a atenção do colaborador e se solicite sua autorização para incluir no texto, caso ele venha a existir. Eventualmente, se acontecer de uma entrevista durar muito mais do que se esperava e se acaba a fita, deve-se avisar o narrador e sugerir

novo encontro. Na impossibilidade de se fazer outra sessão, pode-se lançar mão em último caso do caderno de campo.” (MEIHY, 2002, p. 170).

A fase da pós entrevista, segundo Meihy (2002, p. 171), é composta de três partes: a transcrição, a textualização e a transcrição.

A transcrição é o processo de mudança do estágio da gravação oral para o código escrito. “Destina-se, na moderna história oral, a dar visibilidade ao caso tematizado ou à história narrada. Não são apenas as palavras que interessam – aliás, elas só valem pelos conceitos, idéias, emoções que contenham.” (MEIHY, 2002, p. 171).

Por outro lado, justamente para o melhor entendimento dessas idéias, a transcrição não precisa ser feita palavra por palavra: o que deve vir a público é um texto trabalhado no qual a interferência do autor seja clara, dirigida para a melhoria do texto. “Trabalhar com uma entrevista equivale a tirar os andaimes de uma construção quando esta fica pronta. Com isso, a primeira tradição quebrada é a do mito de que a transcrição palavra por palavra corresponderia à realidade da narrativa. Porque uma gravação não abriga lágrimas, pausas significativas, gestos, o contexto do ambiente. É impossível pensar que a mera transcrição traduza tudo o que se passou na situação do encontro.” (MEIHY, 2002, p. 172).

Essa fase da transcrição “mais trabalhada” é a textualização (MEIHY, 2002, p. 233). E, aqui, o autor deve se sentir livre para adaptar da melhor forma o discurso da língua falada para o da língua escrita. “Nota-se que o mais importante na transposição de um discurso para o outro é o sentido, o que, por sua vez, implica em intervenção e desvios.” (MEIHY, 2002, p. 232.).

Na textualização pode-se, por exemplo, retirar as perguntas da entrevista, corrigir os erros gramaticais do narrador, eliminar sons e ruídos em favor de um texto mais claro.

A transcrição é a fase final, que vai produzir o texto que será liberado para publicação. (MEIHY, 2002, p. 233).

Nela, a intervenção do autor é fundamental. Para a valorização da idéia trazida pelo texto, a ordem da narração pode, por exemplo, ser invertida em

relação à que foi gravada. É o que seria o trabalho de edição de texto¹ do jornalismo. Mas existe um compromisso: na transcrição, é indispensável que o narrador tenha acesso ao texto final antes que ele seja publicado e o autor (o oralista) se compromete a negociar todas as mudanças que o depoente – chamado por Meihy de “colaborador” – ache necessárias. Os limites para essa negociação variam conforme o caso e devem ser medidos de acordo com o bom senso.

A história oral de vida, também aponta Meihy (2003, p. 130-131), tem sido uma das formas mais cultivadas do gênero história oral. “Trata-se da narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa. O sujeito primordial dessa espécie de história oral é o colaborador, que tem maior liberdade para dissertar, o mais livremente possível, sobre sua experiência pessoal.” E ele prossegue: “a experiência deve, desde logo, ser o alvo principal das histórias orais de vida, pois não se busca a verdade e sim a versão sobre a moral existencial.”

¹ Edição de texto: refiro-me aqui à edição do texto de uma entrevista, processo pelo qual o jornalista modifica o texto inicial a fim de deixá-lo mais claro e valorizar as idéias consideradas principais, sem distorcer o sentido original. Dessa forma, podem, por exemplo, ser suprimidas perguntas. Nesta pesquisa é possível verificar exemplos de edição de texto comparando-se as histórias de vida do primeiro volume as entrevistas que constam do segundo volume. (Nota da Autora).

3) Escolhas

Os critérios para seleção das colaboradoras também são ponto importante.

Como este trabalho focaliza experiências e histórias de vida, critérios quantitativos foram, desde logo, descartados. Ou seja, não se pretendeu aqui escolher um número de entrevistadas que representasse toda a comunidade de mulheres jornalistas que atuam no telejornalismo hoje.

Decidiu-se escolher mulheres jornalistas que consolidaram mais de 20 anos de carreira no telejornalismo e que nele ainda atuassem até a elaboração desta pesquisa. São colaboradoras com uma longa trajetória de experiências para relatar. A partir dessas histórias, narradas pelas próprias protagonistas, foi possível extrair discussões sobre a cidadania das mulheres da comunidade em questão.

Outra preocupação foi selecionar entrevistadas que tivessem trajetórias diferentes entre si, para que pudesse haver pluralidade nos relatos e, eventualmente, contradições nascidas a partir do confronto das experiências.

O grupo selecionado também foi pequeno para que as histórias de vida fossem elaboradas de maneira aprofundada. Ele compreende três mulheres jornalistas: Maria José Sarno, Helena de Grammont e Mônica Teixeira.

A seguir, uma breve apresentação de cada uma delas, atualizada até a data de conclusão deste trabalho (janeiro de 2006).

A primeira colaboradora a ser entrevistada foi Maria José Sarno. Ela começou sua carreira no telejornalismo nos anos 1980, como produtora de reportagem da TV Globo, e nele permanece até hoje, como editora de texto da GloboNews, canal fechado (à cabo) da emissora.

Nessas duas décadas, Maria José, filha do ex-jogador e ex-técnico de futebol Francisco Sarno, passou a repórter, editora-chefe de telejornal da TV Globo, chefe de redação da TV Bandeirantes no Rio Grande do Sul. Vários anos de sucesso na Globo foram trocados de uma hora para outra – opção dela – por uma empreitada rumo ao desconhecido no SBT, no início dos anos 1990. Na

época, Silvio Santos reformulava o jornalismo da casa – como voltaria a fazer tantas outras vezes – e Zezé, como é conhecida entre os amigos e colegas de profissão, vislumbrou a oportunidade de dar uma guinada. Como ela disse certa vez, sentia-se acomodada no trabalho, onde tudo passou a parecer muito fácil, sem desafios, estéril. De volta à Globo, em 2000, Zezé passou a se dedicar a uma atividade paralela (ou complementar?) à sua profissão: a graduação em Musicoterapia.

A repórter Helena de Grammont, que hoje atua no *Fantástico*, da TV Globo, fazendo, principalmente, reportagens em defesa de direitos do consumidor, vem de uma família de comunicadores. É filha de Helena de Grammont, compositora, e Walfrido de Grammont, jornalista – Walfrido foi diretor de jornalismo da TV Globo em Belo Horizonte, Minas Gerais.

A irmã, Eliane de Grammont, cantora, foi assassinada na década de 1980 pelo ex-marido e também cantor Lindomar Castilho – uma tragédia acompanhada pela imprensa da época.

Helena começou a trabalhar no jornalismo direto na televisão, a TV Globo, em São Paulo. Ela tinha 26 anos, filhos e fazia o curso na Cásper Líbero, na capital; nessa época, havia abandonado o curso de Sociologia e Política da Faculdade General Jardim, também da capital paulista, que não chegou a concluir.

Hoje, os olhos da repórter ainda brilham ao falar da profissão, que acredita sempre ter exercido com ética e dignidade. Em suas reportagens para o *Fantástico*, a jornalista não aparece como figura central para contar a história, como é regra geral na televisão. Ela não costuma fazer passagem². Os entrevistados, que protagonizam os problemas abordados nas matérias, têm mais espaço para aparecer e falar.

² Passagem: denominação dada ao momento da reportagem telejornalística em que o repórter aparece sozinho, geralmente com o microfone da emissora para a qual trabalha em punho, para fornecer uma informação ou narrar uma situação. Geralmente, os repórteres colocam na passagem uma informação e/ou situação forte da reportagem. É no momento da passagem que aparecem escritos na tela (numa tarja feita por computador) os nomes do repórter e do local (bairro, cidade ou país) onde ele está. (N. A.)

As reportagens especiais na TV Cultura, em São Paulo, fazem parte da atual ocupação de Mônica Teixeira como jornalista. Mas, como ela própria diz, seu principal foco hoje é publicação quinzenal online (via internet) *Inovação Unicamp*, uma parceria com a Unicamp, cujo objetivo, descrito no próprio site³, é “criar e aperfeiçoar estratégias de comunicação que estimulem a apropriação do conhecimento gerado em meio acadêmico pelo conjunto da sociedade brasileira.”

Mônica formou-se jornalista pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), que frequentou de 1982 a 1985, enquanto trabalhava no *Fantástico*, da TV Globo. Já nessa época, suas reportagens procuravam mostrar ao telespectador como as informações apresentadas no vídeo eram obtidas ao longo do trabalho da equipe para que pudessem aparecer os porquês de serem extraídas determinadas conclusões e não outras. Dessa perspectiva, surgiram importantes trabalhos, como os documentários “Viva a Vida”, sobre aids, e “Meninas Heróis”, sobre as meninas de rua da Praça da Sé, ambos para o programa *Manchete Urgente*, da TV Manchete, em que atuou de 1988 a 1990. Nessas reportagens, a jornalista não aparece como figura principal na construção da narrativa; reserva para si um espaço de coadjuvante para dar voz aos protagonistas da vida real.

Além da vivência como repórter, Mônica também teve experiência como chefe de jornalismo. Ela foi fundadora e diretora do programa *SBT Repórter*, do SBT, de 1995 a 1997, uma fase da qual a jornalista se recorda como exaustiva.

Hoje, Mônica diz que se prepara para deixar o jornalismo. Fez formação em psicanálise e tem vontade de, aqui a alguns anos, abrir um consultório.

³ Site *Inovação Unicamp*: www.inovacaounicamp.br (N. A.)

PARTE III - HISTÓRIAS DE VIDA

1) Maria José Sarno: corpo, mente e coração no telejornalismo

Nos bastidores

A escolha foi mais do que espontânea. Foi, digamos, necessária. Não por imposição ou pela obrigatoriedade utilitarista a que muitas vezes nos submetemos no dia-a-dia, tragicamente. Mas por uma sincronicidade veemente entre mim e a entrevistada – a quem prefiro chamar de colaboradora – que me convocava ao trabalho. Uma espécie de presente do destino que eu não poderia recusar.

É impossível não voltar um pouco – ou muito! – no tempo para falar da importância desse presente para mim.

Eu me formei jornalista no ano 2000, na Escola de Comunicações de Artes da USP e, desde então, trabalho em telejornalismo, área que logo no início da graduação já havia escolhido.

Mas meu interesse pelo jornalismo de televisão começou antes, muito antes da faculdade. Quando nem mesmo supunha a profundidade da palavra “profissão”, quanto menos do que seria um jornalista. Aos oito, dez anos de idade, aquela caixa iluminada e falante, com pessoas contando histórias ao vivo dos mais diferentes lugares, era um fascínio. E quantas vezes eu não a via: “Maria José Sarno para o SPTV.”

Aquela mulher linda, alta, voz forte e expressão muito viva e amorosa me cativava a cada aparição. Estava sempre nas favelas, nos postos de saúde públicos e suas filas desumanas, no meio das enchentes e suas vítimas... Ela me encantava e levava a mim, criança de condomínio e escola particular de São Paulo, a perceber os muros invisíveis que separavam o prédio, o bairro, o mundo em que eu vivia do mundo onde tanta gente era obrigada a viver. E a querer derrubá-los. E a *necessitar* derrubá-los...

Muito tempo se passou.

Saí da faculdade de jornalismo, em 2000, e do jornal onde já trabalhava como repórter de economia (*Gazeta Mercantil*), rumo a um estágio na TV Globo.

Foram seis meses conhecendo os profissionais de lá, a redação, os diversos telejornais. Segundo semestre daquele ano. Maria José Sarno era não mais que uma lembrança infantil. Ela não aparecia mais na TV havia muitos anos... E a televisão já não era mais um fascínio para mim também havia muito tempo, de modo que, se a mulher da minha infância tivesse aparecido, eu mesma não teria me dado conta disso.

Fui contratada em janeiro de 2001, logo depois de encerrado o estágio. Fazia apuração de notícias. Era um trabalho meio solitário, porque ficávamos três ou quatro pessoas fechadas numa sala, com três televisões e três rádios ligados o tempo todo, um deles conectado à frequência dos rádios da polícia, atendendo a seis linhas telefônicas que nunca paravam de tocar e checando informações a pedido dos editores de todos os jornais da casa. Mal dava tempo de levantar da cadeira ou conversar com os colegas da redação. Os pedidos de apuração, para se ter uma idéia, chegavam sempre por mensagem de computador... Bem impessoal mesmo.

Então comecei a receber pedidos de checagem para uma tal de “Zezé”. Não feitos por ela mesma, mas por editores que precisavam informar essa “Zezé” dos vários assuntos. Zezé... Curioso. Durante o estágio, não tinha conhecido nem nunca haviam me falado dessa tal de Zezé. Um belo dia, perguntei, via mensagem de computador, claro, a um editor qualquer: *quem e essa Zezé?/ é a Maria Jose Sarno?/ A resposta veio surpreendente: não sei./ acho que sim./ por quê?/ você conhece?/*

Senti um misto de alegria e indignação. Como ele, editor de telejornal, nunca tinha ouvido falar em Maria José Sarno? E na TV, agora, ela era simplesmente “Zezé”... Levantei da cadeira, para desespero dos colegas apuradores, e fui até a mesa de Maria José. Para falar nada; segui um impulso. Lá eu me apresentei, provavelmente disse algo sobre uma pauta do dia, e saí.

Zezé tinha se tornado editora da GloboNews (canal à cabo da Rede Globo, cuja redação funciona no mesmo espaço da redação da tv aberta) e voltava à emissora naquela época, por isso não a tinha visto antes. Havia muito tempo ela tinha saído do vídeo. Poucos meses depois, fui transferida de setor.

Precisavam de produtor na GloboNews e, como eu já tinha experiência na cobertura de economia pelo meu período na *Gazeta Mercantil*, resolveram me propor a mudança. Foi aí que comecei a trabalhar com Maria José Sarno e a descobrir que a Zezé da intimidade era ainda muito mais fascinante que aquela jornalista da televisão da minha infância.

Mais um movimento no tempo.

Como coordenadora de telejornal da GloboNews, em 2002 e 2003, eu produzia e editava reportagens. Mas queria mesmo *ser* repórter, sair da redação. Academicamente, começava o mestrado, no Núcleo de Jornalismo e Cidadania da ECA/USP, com intenção de pesquisar sobre a qualidade de vida e de trabalho das mulheres jornalistas que atuam no telejornalismo hoje.

A conduta de Zezé na sua vida profissional e pessoal foi para mim um chamado que tratei de forma consistente, consciente e madura.

Logo que voltou à TV Globo, Zezé começou a se dedicar a uma atividade paralela à sua profissão (ou complementar?): o estudo da Musicoterapia. Começou a graduação em 2001, aos 42 anos de idade. Preparando, talvez, mais uma das suas viradas...

Maria José é profissional versátil e conhecedora de todas as fases de produção do telejornalismo; tem grande experiência. Além disso, é pessoa sensível e observadora: atenta a reflexões sobre o jornalismo e mesmo sobre o comportamento humano. Acredito que ela me ajudou a descobrir mais caminhos e possibilidades para minha pesquisa. Uma grande colaboradora.

Em 2004, iniciei mais uma etapa na carreira profissional – e na vida pessoal. Tornei-me repórter e mudei de cidade. Trabalho, ainda hoje, em uma afiliada da TV Globo do Vale do Paraíba. Moro em Taubaté. De alguma forma, tenho certeza de que o contato mais profundo com Maria José, sob a luz de discussões apontadas nos últimos meses de estudos na pós-graduação, me orientou no sentido da mudança. Sinto, precisamente, que me lancei ao universo, para usar uma expressão a que tantas vezes recorreremos durante as aulas de Jornalismo Literário na ECA/USP. E percebi que Maria José se lançou aos braços do universo muitas e muitas vezes nas mais diversas – e adversas –

circunstâncias. E que vai tornar a fazê-lo tantas outras vezes quantas a vida lhe permitir.

O Encontro

Na pequena sala de Yoga, seis colchonetes azuis e três alunos, simetricamente intercalados, em posição fetal, de barriga para baixo. Maria José, um metro e setenta e sete de altura, é a que, dos três, menor fica, enrolada sobre o próprio corpo. A professora está sentada à frente, numa espécie de altar com imagens e panos coloridos, ao estilo indiano, pernas cruzadas em “x”, um incenso à sua esquerda, outro à direita. O aroma da sala é de uma fumaça delicadamente doce e relaxante. Agradável. As paredes cor creme-claro e a música suave completam o ambiente de pura meditação. Não há o menor indício de que se está numa travessa da movimentada avenida Pacaembu, em São Paulo, às 8 da manhã... Refúgio. Serenidade e equilíbrio. No pensamento e nos complexos movimentos do corpo, que todos executam com precisão. Vela (costas no chão e pernas para cima), vela com uma perna só (apenas um dos joelhos recolhido junto ao peito), posição do gafanhoto (essa é inexplicável...), gafanhoto numa perna só... (!) Zezé, olhos fechados e cabelos ruivos emaranhados por tantas acrobacias, realiza tudo lindamente. Uma hora e meia de exercícios difíceis que passam num piscar de olhos. Ao sair de uma das aulas, ela me disse:

As pessoas não têm idéia. Eu mesma não fazia a idéia exata quando comecei. No meu primeiro dia, fiquei quebrada! Só a respiração da Yoga me deixava tonta.

O nosso corpo é capaz de coisas que a gente não imagina. Não faz porque normalmente não é solicitado. Eu falava para ela - aponta a professora - eu não vou agüentar! Ela dizia: não, vai sim, respira e vamos embora! Aí, fui me acostumando. E achei uma maravilha... Ainda mais eu, que detesto academia, essas coisas. Yoga é um exercício bárbaro e as pessoas não têm idéia disso. As duas professoras que dão aula aqui têm mais ou menos a minha idade e têm um corpo bárbaro. E só fazem Yoga. Fora que, para a cabeça, não tem coisa igual.

Às vezes, em casa mesmo, pego meu colchãozinho e faço uns exercícios que elas passam para a gente pra combater o estresse. O dia em que não durmo bem ou chego do trabalho muito elétrica e preciso desacelerar para dormir, faço umas duas ou três posições, dou umas respiradas e é ótimo!

Pratico Yoga não faz muito tempo. Há uns seis meses, mais ou menos. Entrei na faculdade no começo do ano e pensei: pra agüentar o pique vou ter que voltar a fazer algum esporte. Isso, além da terapia e da acupuntura. Lá em casa, a gente, desde criança, até por causa do meu pai, que sempre foi esportista, tem vínculo com atividade física. Também sempre incentivei o Marco, meu filho, a fazer esporte.

As heranças

Meu pai foi jogador e depois técnico de futebol muito tempo. Francisco Sarno. O Chico Sarno... Na verdade, venho, por parte de pai, de uma família muito simples mesmo. Meu avô era carteiro e meu pai nasceu em Icaraí, Niterói, e aos 16 anos já era jogador de futebol profissional. Ele veio de uma família extremamente pobre, mas, como jogador, meu pai se projetou muito. Na época, não se ganhava dinheiro, mas se ganhava projeção. Ele jogava bem e conviveu com nomes muito expressivos no futebol. Jogou contra o Garrincha, jogou com o Vavá, muita gente de projeção. Jogou no Santos, depois jogou no Palmeiras.

Ele começou no futebol com 16 anos, mas no Campo do Rio, time de Niterói. Depois é que ele foi para o Botafogo, o Fluminense, o Vasco, no Rio de Janeiro, e aí veio para São Paulo. Quando veio para cá, já tinha uma carreira consagrada. Já devia estar com seus 25, 26 anos. Então ele conheceu minha mãe (Tereza Vignola Sarno). Minha mãe era de uma família tradicional. Meu avô era engenheiro, tinha dinheiro. Daqui da capital. Sabe, de tradição italiana, aquela coisa toda. E meu pai, jogador de futebol! Minha mãe era uma dondoca, né... Nunca tinha feito nada, não precisava trabalhar... Naquela época, imagina, já tinha carro! Isso foi em 1957... 1956 ou 57.

Eram três carros na família. Foi um choque cultural tremendo. Meu pai jogador de futebol! Mas aí eles resolveram casar...

Nem sei bem se eles se apaixonaram, mas, enfim, sei que meu pai era um homem muito bonito, minha mãe deve ter ficado encantada.

Meu pai era mesmo um homem muito bonito. Minha mãe também era bonita. Uma mulher alta, tinha um metro e setenta, o que, na época, era muita coisa. Um corpo escultural. Minha mãe nunca foi bonita de rosto, mas, de corpo, era uma mulher linda. Tanto que o fato de a gente ser magra – minha irmã e eu – tem muito a ver com ela. Ela vigiava a geladeira, não deixava comer bobagem... Nossa alimentação sempre foi muito regrada. Num certo sentido, isso foi bom, mas você carece um pouco da nutrição materna... Minha mãe não fazia bolo. Sabe, aquela coisa de você chegar em casa e a mãe dizer: fiz um chocolatinho, um lanchinho... Com a minha mãe, não tinha isso.

Então, essa história do meu pai influenciou muito a maneira da gente encarar o mundo porque, se por um lado tinha a minha mãe, que era até mais esnobe, meu pai era um homem muito simples e acostumado a lidar com asperezas. Quando minha irmã (Vera Maura Vignola Sarno) e eu éramos pequenas, a gente lidava muito com jogador de futebol. Meu pai ajudava uns 50 garotos. Nós tínhamos um caderninho e todo ano – eram 50 nomes mesmo – nós comprávamos presentes para todos eles e íamos fazer uma peregrinação para entregar tudo. Entregávamos um por um. E toda vez que a gente chegava num lugar pobre, meu pai dizia: se olhar para o lado... Porque você não podia reparar na casa de ninguém. Tinha que ficar sentado como se estivesse sentado na sua casa. Ele dizia: não olhe no prato, não escolha a comida, não repare nas coisas. Sabe? Ou: sinta-se num palácio! Meu pai era muito cuidadoso com as pessoas. Foi uma escola pra mim.

Assim, depois, na minha profissão, sempre trabalhei com tranquilidade, porque fui acostumada a esses valores desde cedo. Fiz muito trabalho político em favela, quando o PT começou a se organizar nós já trabalhávamos... Eu acreditava nesse trabalho. Mesmo antes. Minha mãe sempre foi muito católica, a gente teve uma infância voltada para questão da igreja, então havia um certo

compromisso social. Que, para mim, ganhou um contorno político depois, muito consistente. Ou, pelo menos, eu via dessa forma. Hoje, não vejo como tão consistente assim, mas, na época, era uma opção muito clara. Estávamos no tempo da Teologia da Libertação, das grandes discussões, do final da ditadura, 1978/79. Eu tinha 16, 17 anos, já militava no movimento relacionado à igreja. Não gostava do movimento estudantil... Eu achava chato. Questão de ordem, sabe? Ai, cada vez que eu ouvia aquilo numa sala de aula me dava desespero! Eu nunca gostei dessa coisa muito regrada. Eu nunca me dei bem no Partidão, assim, mas de longe! A burocracia... Aquilo era uma confusão. Então, na igreja, eu sentia um contato maior com quem seria beneficiado pelas ações sociais. Fui representante de um movimento que seria como uma Pastoral da Juventude. E aí eu comecei a rachar... A gente tinha um grupo de Pastoral junto com o Robson Cerântula (hoje produtor de reportagem da TV Globo São Paulo, com foco em matérias que envolvem denúncias de crimes) e nós brigamos muito por questões políticas...

Encontros

O Robson e eu trabalhávamos na mesma igreja. A gente apresentava as missas, organizava reuniões de militância... Passava sábados e domingos inteiros em reuniões, discutindo estratégias. Para mim, era uma questão de fé mesmo. Nunca foi desligado disso. Era muito consistente para mim esse aspecto. Eu cantava na igreja, tocava violão. Nessa fase, o divisor de águas foi a greve de 1978/79, dos metalúrgicos. Pensei: nós temos que nos alinhar. E aí virou um racha dentro da igreja porque alguns diziam: não, isso é coisa de operário. E eu dizia: não, isso é coisa de cristão. E nós tínhamos brigas intermináveis por causa disso - o Robson era partidário da outra parte. Eu dizia: não, isso está vinculado à religiosidade, você tem que militar... Então, comecei a me distanciar do movimento jovem da igreja, propriamente dito, e a fazer mais a militância. Aí, eu arrecadava coisas para a greve, participava de piquetes, sempre com gente mais velha, né... Eu estava no meio.

Foi nesse ambiente que encontrei aquele que seria o meu primeiro marido e pai do meu filho Marco (Marco Aurélio Sarno Ramos, que hoje faz faculdade de Geografia). Ele era ex-seminarista (Rui Pessoa Ramos).

Nessa época do início da militância, o Rui ainda não era meu marido. Estávamos do mesmo lado, mas ainda não estávamos juntos. Ele veio para São Paulo de Aracati, no Ceará, porque tinha sofrido dois atentados lá. Ele é paulista, de Santo André, de família de tradição protestante. Mas como ele adorava estudar, e a família não tinha dinheiro, ele resolveu ir para o seminário. Era uma maneira de ele estudar. Foi ser jesuíta porque, do ponto de vista da formação cultural, eles são os mais sólidos mesmo. Viveu um bom tempo entre os jesuítas e resolveu ir para o secular porque queria também fazer trabalho político. E aí foi mandado para o Nordeste e trabalhou em Aracati muitos anos com o Dom Paulo Pontes, que era o bispo, militando nas questões voltadas à terra, num grupo de cinco seminaristas.

Vieram os cinco de lá para cá em 1980 porque tinham sofrido dois atentados. E eu o conheci no dia em que ele chegou. Quando o vi, achei muito interessante, porque era um rapaz brilhante, muito inteligente, falava muito bem, tinha formação em filosofia – para mim essa história da formação cultural era muito importante – e eu me encantei. Ele era cinco anos mais velho – eu estava com dezoito anos – e nós começamos a militar mesmo. Já era a época da formação do PT, nós começamos a visitar favelas, eu ajudei a filiar muita gente ao partido. Filiava a rodo porque eu não tinha formação política muito sólida, mas tinha uma facilidade muito grande de falar com as pessoas e então as pessoas confiavam em mim. Eu vivia dentro das favelas. A minha formação foi muito mais o contato direto com essa população muito pobre. Filiava todo mundo, mas, ao mesmo tempo, organizava aquela comunidade para reivindicar água para o lugar... Nessa época, já namorava o Rui, mas ainda morava com os meus pais. No PT, fui até uma certa instância partidária, com esse povo que hoje está aí: o João Felício, o Paulo Frateschi... Eles tinham uma militância bem mais consistente, eu era bem mais jovem, mas estava lá no meio.

Depois, como meu romance com o “padre” lá... (ela ri gostosamente mais uma vez), com o ex-seminarista, foi ficando mais sério, a minha mãe teve um chilique. Minha mãe, muito católica, contou para o bispo! Aí, o Rui foi mandado da Zona Norte para o meio da Zona Leste... E eu fui atrás! Nós nos casamos. Ele queria continuar trabalhando na igreja, mas, para continuar na igreja e ganhar algum dinheiro, ele precisava ser casado, porque a igreja não permite casamentos sem formalidades. Se eu não for errar demais a data, nós nos casamos em 19 de dezembro de 1981. Mas nós atravessamos a rua, fomos a um cartório, assinamos o papel e voltamos para casa.

As testemunhas foram as do cartório. A família não compareceu. Minha mãe ficou brava... Mas, na verdade, como a vida na minha família sempre foi muito complicada, a relação do meu pai com a minha mãe muito complicada, eu tive autonomia desde muito cedo. Com meu pai mesmo, aconteceram umas coisas engraçadas... Namorei, aos quinze anos, um cara muito mais velho. Ele tinha trinta. Meu pai queria morrer, só faltava ter um chilique. Mas namorei. Só que o cara começou a ficar tão ciumento, tão ciumento, tão ciumento que eu falei: agora não quero mais. E ele não largava do meu pé. Aí, pedi ao meu pai: olha, já que ele não larga do meu pé, e eu não quero mais ficar com ele, fala para ele que é você que não deixa. Imagina... Eu mandar meu pai fazer uma coisa dessas... Eu tinha a chave de casa desde os catorze anos. Então, acho que foi uma vida incomum para a época, até.

Desde o início da minha vida com o Rui na Zona Leste, ele participou de movimentos sociais muito ligados às questões da saúde, com Roberto Gouveia, que hoje é deputado, Eduardo Jorge... Aí, eu também comecei a trabalhar mais intimamente com a saúde, nesse sentido da militância e de ajudar a comunidade a se organizar para reivindicar.

Nessa época, meu pai já era técnico de futebol, não mais jogador. Mas ele parou de treinar muito jovem... E escreveu um livro. Meu pai escreveu dois livros na vida. O primeiro deles chamava-se *Futebol: a dança do diabo*, que foi publicado em 1978. Acabou sendo, para ele, um grande desastre, porque, quando estava todo mundo calando a boca, meu pai resolveu abrir, né... Ele

denuncia nesse livro todas as mazelas do futebol: compra de juiz, doping, corrupção. Foi um livro que causou uma polêmica enorme e que fechou portas para o meu pai. Então, a partir desse momento, ele começou a ter muita dificuldade no futebol: já era visto com desconfiança, todo mundo sabia que ele não iria entrar no esquema... E ele ficou quase sem emprego. Em 1982 foi a última vez em que ele atuou mais diretamente no futebol – ele foi para a Arábia treinar um time – eu ainda estava casada com meu primeiro marido nessa época. Ficou seis meses na Arábia, ganhou algum dinheiro e voltou.

Foi difícil para o meu pai essa questão de ser meio que deixado de lado pelos clubes, mas, na verdade, isso reforça os parâmetros que ele nos deu sobre responsabilidade, integridade, honestidade... Eu vivi num ambiente em que meu pai não se calava diante das injustiças. Ele dizia: morro, mas não vergo. Apesar de que havia muita briga dele com a minha mãe por causa disso... Minha mãe era completamente contra o livro, achava que aquilo seria ruim para o meu pai.

Minha mãe nunca trabalhou. Ela costurava, mas, mesmo assim, não costurava para fora, nada. Ela nunca teve vinculação com trabalho, nunca viveu do trabalho. Era uma mulher que, mesmo não concordando com um monte de coisas da vida que tinha com o meu pai, nunca se separou, porque não tinha como sustentar as duas filhas. Acabou se amarrando, né... E acabou o resto da vida casada, brigando... E eu sempre estive muito próxima do meu pai. Então, a influência dele na minha vida é muito grande, porque eu vivia com ele. Eu só nunca fui a partidas de futebol com ele porque ele nunca deixou. Ele tinha medo de alguém descobrir que a gente era filha do técnico e fazer alguma coisa ruim... Fui ver um jogo de futebol em estádio pela primeira vez com meu filho adulto! Minha mãe conta que, uma vez, quando meu pai treinava a Ponte Preta, nós tivemos que sair fugidas de casa porque descobriram que a gente morava lá e estavam ameaçando apedrejar a casa... Tinha muito disso.

Engraçado... Meu pai tem muito medo de avião, detesta. E dizem as más línguas que, na época em que ele treinava o São Paulo, ele não continuou com o trabalho porque tinha muita viagem de avião e ele não queria fazer... Aí, a

diretoria resolveu contratar outro técnico, porque meu pai não subia em avião, só em último caso! Do que eu me considero partidária, porque eu detesto avião. São duas coisas que meu pai detesta: avião e jornalista. Ele costumava dizer que jornalista é gente que não presta. E veja só a ironia: das duas filhas dele, uma é jornalista, que sou eu, e a outra é aeromoça!

Novos Começos

Fiquei grávida, esperando meu filho Marco, em 1983. Eu ainda estava casada com meu primeiro marido (Rui) e morando na Zona Leste de São Paulo.

Continuei militando, meu filho nasceu, continuei trabalhando ainda um pouco em jornal impresso, mas tinha aquela coisa: precisava ganhar mais porque, nessa época, eu praticamente já sustentava meus pais. O que meu pai tinha trazido da Arábia – o que seriam hoje 40 mil dólares – era tudo o que a gente tinha e eu precisava dar um jeito. Para ganhar mais não dava para continuar trabalhando no jornal e, como eu já tinha uma certa experiência, fui buscar a televisão.

A TV era o veículo que pagava melhor. Eu já fazia free-lance para jornal maior, como a *Folha*, por causa de toda aquela experiência comunitária... Aí, botei o currículo debaixo do braço e fui às TVs. Comecei pela Bandeirantes, porque quem trabalhava na Bandeirantes era o Tônico Ferreira, que participou do *Movimento* muitos anos – o jornal *Movimento* – eu tinha feito alguns free-lances para o *Movimento*. Eu ajudava uma jornalista, que também se chamava Maria José, a fazer uns artigos relacionados à militância política, etc. Ela conhecia bem o Tônico e me disse: vai falar com o Tônico, ele está na Bandeirantes, vai tentar lá. Aí eu fui. Foi muito engraçado porque estava lá naquele dia a Selma Lins, a diretora do programa lá, mas não deu nada certo, né, como eu não tinha experiência em televisão, aquelas coisas. E passou o tempo, eu continuei no jornal, achei que essa história de TV não daria certo e, nesse intervalo, o Tônico saiu da Bandeirantes e foi para a Globo. E eu nunca tinha pensado na Globo, mas tinha uma amiga minha do jornal que enchia tanto o saco dizendo: você tem jeito para televisão, você tem que fazer televisão,

que eu peguei e liguei para o Tônico. Aí, ele não lembrava de mim, obviamente. Ele não deu nem bola para mim, mas eu tenho uma coisa: sou muito turrona, né... E eu me lembro, até, antes disso, a Globo tinha feito uma espécie de seleção para estágio. Acho que eram uns 100 mil candidatos. Era gente que não acabava mais... Formados e não formados. E foram fazendo as eliminatórias. Eu cheguei entre os 20 últimos; eles iriam escolher 5 ou 10, não me lembro. Eu fiquei fora, né... E não me conformava. O dia em que eu olhava aquela lista e eu não estava - eu me lembro até hoje - eu estava na porta da Globo e disse: eu juro, mas eu juro que eu ainda trabalho aqui! Vou fazer o que for, mas esses caras não vão me deixar fora desse lugar... Eu não sei o que eu vou fazer, mas eu vou. E aí se passaram uns anos e o Tônico estava lá e eu comecei a ligar para ele, ligar, ligar, ligar... Acho que eu ligava pra ele quase todo dia... (Risos).

Eu ligava tanto, tanto, tanto que um dia ele virou pra mim e disse: tá bom, vai... Hoje eu estou aqui e você passa aqui. Aí, foi muito engraçado porque, quando cheguei, ele estava escrevendo e eu disse, Tônico, sou eu, Maria José. E ele disse: ah, vem aqui. Nem boa tarde, nem boa noite, nem nada. Subiu, me levou lá na chefia de reportagem, o chefe era o Laerte Mandini, e falou: ó, Laerte, a menina é essa aqui. Virou as costas e saiu.

Aí, eu estava de frente para o Laerte e pensei: agora ou vai ou racha... O máximo que podia acontecer era eu ouvir outro não. Aí, eu falei: meu nome é Maria José Sarno, trabalho na Cúria Metropolitana, com movimentos sociais, já tive militância política. Eu acho que o que acabou convencendo que eu podia trabalhar foi essa história de conhecer movimentos sociais, porque na Globo ninguém sabia nada disso. Como até hoje, né, na Globo a gente tem muita dificuldade de chegar aos bairros, saber o que está acontecendo... As pessoas estão desvinculadas disso. E o Laerte foi muito perspicaz... Como ele viu que eu sabia, ele disse pra mim: faz o seguinte, você começa a sair com as equipes. Ele marcou o horário e, no dia seguinte, estava eu lá. Foi muito engraçado. Naquele dia, tinha uma greve de ônibus em São Paulo. E eu cheguei lá pontualmente, cheguei cedo, estava lá sentada esperando na chefia de reportagem. Quando

chega o Paulo Roberto Leandro, que seria meu segundo marido. Foi o primeiro dia em que eu pus o pé lá dentro...

Ele era o editor-chefe do *SPTV* primeira edição e do *Jornal Hoje*. Ele entrou. Bom dia, bom dia... Eu, bom dia... Começou a falar da greve, que tinha uma repórter na rua que estava fazendo umas coisas com que ele não concordava... Eu achei interessante... Falei: nossa, mas que homem interessante... Ele fazia as colocações muito bem... Aquilo já me chamou a atenção.

Fiquei olhando impressionada. E o vejo fazer uma colocação para ela, a repórter, que tinha a ver com o sindicato. Aí, eu, meio assim... Dei uma opinião lá. Ele olhou pra mim, meio espantado porque, quem era aquela ali que estava sentada dando palpite? Aí, o Laerte falou: ah, essa aqui é a Maria José, ela vai começar a sair com as equipes... Aí, ele: ah, muito prazer e tal.

A primeira pessoa com quem eu saí na emissora, para ver o dia-a-dia do trabalho, acho que foi a Isabela (Assunção). E foi para fazer uma matéria que era sobre o início daqueles núcleos de segurança dos bairros. E aí comecei a discutir com ela no carro: que coisa, isso funciona, não funciona, mas também não funciona por causa disso e daquilo... E eu a vi trabalhar, né... Mas eu observava muito, quer dizer, como eu era repórter, apesar de ser de jornal impresso, já observava muito o pessoal de televisão, então já tinha mais ou menos uma idéia de como é que funcionava. E achava muito legal. Aí, eu saí com ela, saí com o Caco (Barcellos) – o Caco eu achava o máximo, né, porque o Caco é muito calmo, uma coisa impressionante. As pessoas falam tudo pro Caco. Entregam a alma pro Caco. Porque ele é de uma doçura... Eu achava aquilo o máximo. Saí também com o (Carlos) Nascimento, umas três ou quatro vezes. Da última em vez que eu saí com o Nascimento, ele falou: ah, grava alguma coisa aí. Era uma greve... Não, era uma investigação no INSS da época; ainda era o INAMPS. Tinha um cinegrafista, chamado Nilsinho; eu fiz um texto de 1 minuto e decorei. Queria decorar o texto. Eu não sabia... Não tinha idéia de que as pessoas falavam uma parte e liam o resto. Eu queria decorar! E eu errava, decorava, errava, decorava... Mas eu errei e decorei tantas vezes! Mas,

pra mim, eles apagavam os erros... Eu não sabia que aquilo tudo ficava gravado; pra mim só ficava o que estava certo. Aí, levo a fita pro Laerte. Quando eu vi que aquilo era a reprodução de todos os meus erros eu queria me enfiar embaixo da mesa! Meu deus...

O Laerte vendo a fita junto comigo... E aí ele falou pra mim uma coisa, isso foi muito engraçado. O Laerte era uma figura, é uma figura. Ele disse: tudo bem, não decorou; mas foi até o fim, né, isso é bom...

O que aconteceu foi que, nessa época, surgiu uma vaga na produção de pauta. A Ivone (Happ) estava saindo de férias. E como eu fazia pauta, e a direção sabia que eu fazia, fui convidada a ir para a pauta⁴. Eu acho que a minha formação política contribuía muito mesmo porque, na pauta, qual era a minha facilidade, eu não era uma pessoa ingênua. Com a formação política, você aprende a olhar uma determinada situação e ver os interesses envolvidos, as relações que se formam, como é que aquilo tudo se constrói. Então, as minhas pautas tinham um pouco mais de consistência, eu acho. Elas não eram descritivas, não eram meras idéias. Eu fazia umas pautas que podiam construir uma relação. E, naquela época, nós éramos 5 só na pauta, para todos os jornais que existem hoje, porque já era o mesmo número de jornais. Eu tinha um chefe, o Marcos Fonseca, que me ensinou muito. Um jornalista maravilhoso.

O Marcos me ensinou muito na pauta, que era feita por pessoas muito experientes, não é essa meninada que se tem hoje. Na pauta, estavam Luzia Rodrigues, que já tinha vindo de jornal impresso, com uma formação em economia e que, depois que saiu da Globo, foi montar uma revista própria; Hélio Goldstain, que hoje é o chefe de redação da TV Cultura; eu; Ruth Barros, que cobria muito política; um outro rapaz, eu não me lembro o nome dele, mas ele tinha uma das melhores agendas de jornalistas que eu já vi, e o Marcos

⁴ Pauta: denominação dada ao setor da redação do telejornalismo (também composto por jornalistas) responsável por selecionar e planejar os assuntos que vão ser abordados pelas equipes de reportagem. Pauta também é a denominação dada ao texto informativo sobre determinado assunto que é entregue ao repórter antes que ele saia da emissora para fazer a reportagem. O jornalista que trabalha na pauta é chamado de “pauteiro” ou “produtor”. Em seu *Manual de Telejornalismo*, Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima discorrem sobre a importância do pauteiro para a reportagem na TV: “O pauteiro é aquele que na imensidão dos acontecimentos na sociedade capta o que pode ser transformado em reportagem. Esse trabalho vai além da seleção dos assuntos do dia a dia. O pauteiro deve planejar reportagens exclusivas.” (BARBEIRO e LIMA, 2002, p. 111).

Fonseca, que era fenomenal, era um homem de longa história no jornalismo. E o diretor era o Raul Bastos, que foi do *Estado de São Paulo* muito tempo. E o que aconteceu: o Marcos achava que eu tinha que ser repórter. Porque ele achava que eu apurava muito bem, mas eu não queria ser repórter. Ele dizia: você tem que ser, porque o que a televisão valoriza é o repórter, o resto não valoriza... Eu dizia: não quero... E nós ficamos um mês nessa briga. Aí, eles resolveram fazer o seguinte: a Renata de Luca era produtora do *Fantástico*; naquela época do chefe era o Moacir Japiassu. Um repórter, que era o Florestan Fernandes, saiu de férias. E aí chamaram a Renata, que queria ser repórter – a Renata já tinha sido repórter em outros lugares. A Renata foi chamada e eu fui para a vaga da Renata. Ia fazer 40 dias lá, na produção, que era o que eu queria. Quando cheguei lá, trabalhei um dia, normal. No dia seguinte, o Moacir Japiassu virou para mim e falou: ah, não quero você, não te conheço, eu quero a Renata. Aí, eu peguei minhas coisinhas, né, voltei para a redação, na época o chefe de reportagem era o Celso Quinjô e falei: olha, não me querem lá, entendeu... Só que eu já tinha renovado o contrato e ele pegou e falou: você vai pra rua fazer matéria. E a Renata voltou pra redação.

Fui fazer as férias do Florestan e comecei trabalhando num horário que tinha antes na Globo que era das 19h às 2 da manhã. Lembro que a primeira entrevista que fiz foi com o Montoro, que, na época, era o governador. Foi a primeira noite que eu saí. Aí eu travei, né... Segurei o microfone e não sabia o que perguntar... E não ia... E eu não conseguia falar... Eu lembro de um assessor do Montoro que falava assim: fica calma, o governador é muito paciente... E eu tentando me acalmar, tentando me acalmar... Aí, fiz as perguntas. E acho que a diferença era esta: eu ficava nervosa, mas as perguntas eram adequadas para o momento, porque eu tinha uma militância, uma formação. Fiz a entrevista, a entrevista foi ao ar, sem problemas. Só que eu era proibida de fazer passagem, porque não tinha contrato efetivo. Mas, como eu era meio turrona, comecei a fazer mesmo assim. A editora do *SPTV 3ª Edição* – porque, depois do *Jornal da Globo* ainda tinha esse outro jornal – ela ficava louca: como! Você gravou passagem... Eu dizia: agora já foi... Eu ia assim, cavando.

Nessa época, meu filho Marco era pequeno. Não foi fácil conciliar o trabalho; minha mãe me ajudou muito nesse período. Durante dois ou três meses, fiquei das cinco da manhã ao meio-dia na reportagem para depois entrar na pauta, à uma da tarde, e ficar até a meia-noite. E o bebê ficava com a minha mãe... Mas eu estava investindo, era a hora de fazer isso. Eu tinha, o que, 24 anos... Ou era naquela hora ou não era nunca. Aí foi. Quando se aproximou a eleição, em novembro - comecei a trabalhar na Globo acho que no final de maio - eu ainda não era contratada em definitivo, ainda estava cobrindo férias na reportagem - começou toda aquela discussão na Globo sobre aparatos, o que seria colocado à disposição para a cobertura da eleição e tal. Era um grande show. Decidiram que eu iria ficar fazendo boletins gravados⁵. Mas, como eu ouvia falar muito de entrada ao vivo⁶, aquela coisa começou a me preocupar, né... Quando terminou a reunião, falei para um dos editores do *Jornal Nacional* na época, o Valdir Zwetsch, que hoje está na Record (TV Record), falei: Valdir, eu não entendo nada de ao vivo, vocês não vão fazer nada disso comigo porque eu não sei. Ele disse: fica calma, pode ficar tranqüila que com você não tem nada de ao vivo, nós só vamos fazer pré-gravado. Quando chegou o dia da eleição, não sei como, porque as coisas, pra variar, são sempre assim, não tinha nenhum repórter para estar com o Jânio. Quem foi? Eu. Com a absoluta certeza de que o Jânio jamais ganharia, né... Todo mundo tinha certeza de que quem ia ganhar era o Fernando Henrique. Então, as grandes estrelas estavam com ele: o (Carlos) Dornelles estava com ele, o Tônico (Ferreira) estava com ele e eu estava com o Jânio. Daqui a pouco, o Laerte me chama e diz assim: olha, você vai ter que entrar ao vivo. Eu disse: Laerte, mas eu não sei nada disso... Ele: não se preocupa! Você só vai ter que falar o que você está vendo. Aí, começaram a me

⁵ Boletins gravados, também chamados de *stand ups*, são gravações curtas (tempo de 30 segundos a 1 minuto, em média, conforme determinação da emissora) feitas geralmente com o repórter sozinho narrando uma informação e/ou situação. Existem também boletins em que o repórter entrevista rapidamente alguém e, nesses casos, o tempo pode ser ampliado (2 minutos em média, conforme a emissora). Os boletins podem ser exibidos dentro de telejornais ou fora deles, na programação da emissora. (N. A.)

⁶ Entrada ao vivo: também chamada de *link*, *flash* ou *net* (se for em rede nacional). Segue os moldes do boletim gravado, mas é feita ao vivo. Assim como os boletins, as entradas ao vivo também podem estar dentro dos telejornais ou fora deles, durante a programação da emissora. (N. A.)

encher de parafernália, me puseram o equipamento para comunicação e tal. E o câmara, o Ferrugem – muito engraçado – dizia: você sabe fazer? Eu falei: não, nunca fiz nada, não sei o que tenho que fazer... Ele falou: não se preocupa. Começa a falar que eu saio de você. Tá bom, né... Aí, alguém falava no meu ouvido: tudo bem? Tudo bem? Eu dizia para o Ferrugem: olha, tem alguém falando comigo aqui... Uma coisa completamente louca. E fiquei tranqüila, porque, pra mim, eu não entendia bem a importância do esquema todo. Eu era tão nova... E era o Valdir falando assim pra mim: olha, quando eu disser “vai”, você começa a falar! E, quando eu disser “encerra”, você fala “Nascimento”! (Gargalhadas). Ele dizia: quer retorno? Eu dizia: o que é isso? Ele dizia: tudo bem, eu vou tirar o retorno. E ele falou: “vai” e eu comecei a falar, né... Tudo o que eu lembrava falei, falei, falei, acho que mais de 1 minuto. Aí ele disse: encerra! E eu: Nascimento! E ele: brilhante, nem sei bem de onde você veio mas tava ótimo! Bem, eu sei que entrei ao vivo umas 13 vezes naquele dia. Até que chegou a hora do *Jornal Nacional* e eu não era contratada da casa. Aí, quando a Alice-Maria, que era editora-chefe do jornal, viu que era eu, que ela não sabia nem quem era, bom, mandaram o (Ernesto) Paglia de moto de lá do local de apuração, onde ele estava, que era longe pra caramba, em Guaianases, até o local onde eu estava... Ele chegou todo descabelado – na época, ele ainda tinha cabelo – aí ele parou ali, disse: não, não, você foi superbem, foi ótimo, muito bom... Aí, eu passei mais ou menos pra ele o que tinha acontecido – eu enfrentei briga, enfrentei tudo lá na porta do Jânio. E foi só aí que eu vi o que eles faziam – até então, eu nunca tinha acompanhado uma entrada ao vivo. Eles escreviam tudo num papel, decoravam um pedaço e o resto era lido, né... Aí que eu me toquei! Eu tinha passado o dia feito uma louca, falando tudo, sem escrever uma linha. Mas isso foi uma escola pra mim. Depois, realmente, eu nunca escrevi em ao vivo – tentei fazer isso, mas, como eu estava sempre no meio da pobreza, pra variar, uma vez que eu fui escrever, começou a chover e a tinta foi... E meu texto junto, né... Então, eu fazia muito ao vivo, muito mesmo, mas nunca escrevi. Organizava o pensamento, e tal, mas não escrevia e isso me ajudou muito.

Sem escrever, eu ficava mais livre, inclusive, para observar em volta. O que acontece é que, às vezes, você está tão presa ao texto, que acontecem as coisas à sua volta e você não vê. Então, pra mim era muito natural fazer ao vivo, eu preferia fazer ao vivo a fazer gravado. E aí, depois disso tudo, eu fui contratada. Também, eu era tão louca... Mais tarde, o Paulo Roberto, que veio a ser meu segundo marido, ria muito conversando com o Valdir. Na época, ele dizia: eu não sei de onde essa moça saiu, mas ela é completamente louca! Então foi assim... Aí, fiquei 10 anos na Globo.

Esses foram os primeiros 10 anos, consecutivos. Fui contratada em 15 de novembro de 1985. Meu filho tinha 1 ano e meio.

Fiz todos os jornais. Mas minha vinculação sempre foi muito mais com movimentos populares e com a área da saúde. Então, na verdade, eu era uma pessoa relativamente conhecida por lidar com os temas que mobilizavam as pessoas, que eram saúde, educação, o problema dos bairros...

Fiz muito *Jornal Nacional*, *Jornal da Globo*, mas, até nesses jornais de rede nacional, quase sempre acabava fazendo as pautas sobre esses assuntos.

E, outra coisa, dentro da empresa eu estava sempre metida nas mudanças. Sempre que ia começar um jornal novo, coisa desse tipo, eu ia para o jornal novo para experimentar. Então, eu participei de todas as mudanças de jornal, todas. Desde o *Bom Dia Brasil*, até quando o jornal local passou de *SPTV* para *São Paulo Já*; a primeira entrada ao vivo de repórter num jornal que chamou uma matéria gravada eu que fiz. O que, para variar, aconteceu no meio de uma inundação terrível na região do córrego Pirajussara. Eu tinha feito uma matéria sobre isso e era uma desolação horrorosa... Então, durante o jornal, entrava ao vivo de lá e chamava o VT⁷ que eu tinha feito... Como eu fazia entrada ao vivo bem – eu acho, pelo menos – as pessoas me chamavam para essas experiências.

⁷ VT: sigla para “video-tape”, utilizada para se referir às reportagens gravadas, que também são chamadas de “matérias”. (N. A.)

Rupturas

Decidi sair da Globo porque tinha a sensação de que, se não fosse naquele momento, não sairia de lá nunca mais. Me aterrorizava a idéia de trabalhar 20 anos no mesmo lugar, sem experimentar outras coisas. Quando resolvi sair, as pessoas não acreditavam, porque eu ganhava bem, era conhecida, fazia jornais de rede nacional... Mas eu tinha necessidade de dar um tempo. Então, entrei num projeto do SBT que não durou nem 20 dias – eles, no final, queriam que a gente ficasse em casa, sem trabalhar, recebendo o salário e eu me recusei, pedi as contas... Foi uma negociação difícil, mas no final, eu acabei ficando – trabalhando – no *TJ Brasil*. Dos vários jornalistas que estavam lá na época, só eu fiquei. Na vaga em que a Renata ia ficar... A Renata (de Luca) estava cobrindo férias no *TJ*, ia ser contratada e eu fui para o lugar dela. Mais uma vez eu me esbarrando com a Renata... Saí da Globo em 95 e a Renata saiu em 91. Ela estava para ser contratada no SBT e eu, de novo, fiquei na vaga. A gente tropeça mesmo... E, lá, fiquei um ano e saí. Aí, meu marido na época já era o Paulo Roberto Leandro e ele estava indo para o Rio Grande do Sul trabalhar e eu fui pra lá também, pela Bandeirantes, chefiar um escritorzinho emissora naquele estado, para cobrir Mercosul.

Meu marido foi trabalhar como consultor do governo estadual. Mudamos para o Rio Grande do Sul ele, meu filho e eu. Ficamos quase dois anos. Aí, voltamos para São Paulo e eu fui para a Rede TV, que estava sendo montada. Isso foi mais ou menos em 1998.

Voltei para a Globo em janeiro de 2000. Entre a Rede TV e a Globo aconteceram muitas coisas. Inclusive, meu terceiro marido (Jorge Victor Tafarel, artista plástico)!

Na verdade, fiquei pouco tempo na Rede TV porque não estava dando certo, questão de salário, essas coisas. Nessa época, me separei do Paulo Roberto. Aí, fui trabalhar, para sobreviver mesmo, porque o nosso mercado estava já muito complicado, numa campanha eleitoral em Santos. Eu apresentava as matérias institucionais do candidato. Não tinha nenhum vínculo

político-partidário com ele. Fiz porque precisava sobreviver mesmo. E foi lá, durante esse trabalho, que conheci o Jorge, meu terceiro e atual marido, que, por sinal, é artista plástico e estava lá trabalhando na campanha também apenas para ganhar algum dinheiro. E - maior coincidência - ele é da mesma cidade em que eu morei por dois anos no Rio Grande do Sul. Ele trabalhava num café que eu freqüentava, todos os amigos dele me conhecem dessa época e nós dois nunca tínhamos nos encontrado antes.

Foi muito estranho... Para começar, o Jorge não é o meu tipo de homem - aquele com bagagem intelectual, que se expressa bem, essas coisas. Ele não é nada disso. É supercalado, muito emotivo e sensível. Não é à toa que a profissão dele vai ao encontro dessas características. E, fisicamente, ele é louro e eu sempre preferi os morenos. Mas nós começamos a nos tornar mais próximos durante o trabalho na campanha e eu comecei a ficar apavorada, porque não previa a menor possibilidade de ter outro relacionamento amoroso naquela fase da minha vida... Eu estava acabando de me separar, estava mal e certa de que queria ficar sozinha por um tempo. Mas aí ele começou a se aproximar e eu achando muito estranha a forma como aquele homem mexia comigo - chegava a incomodar mesmo. Até que um dia, no carro da equipe, quando voltávamos para o hotel, mortos de um dia inteiro de trabalho, eu estava com muito sono, encostei a cabeça na minha bolsa e apoiei a bolsa no encosto do banco de trás - onde estávamos o Jorge e eu - pra descansar um pouco. Aí, o Jorge falou: pode encostar no meu ombro se quiser. Eu fiquei meio sem reação e encostei a cabeça no ombro dele. Na hora em que eu deitei no colo dele tive uma sensação muito peculiar, que nunca esqueço. Parecia que eu estava reencontrando os meus, sabe? Que eu estava voltando pra casa. E eu nada sabia sobre ele, nem quem ele era, nem de onde ele tinha vindo, nada, nada...

Sincronicidades

Hoje, sou casada com Jorge, moro com ele, meu pai, meu filho Marco, a Lua (cadela fox paulistinha)... Não sei como, mas ela é capaz de abrir todas as portas do apartamento num piscar de olhos, dando uns pulinhos nas maçanetas (Risos)... Minha mãe não mora com a gente; ela está com 80 anos.

Meu pai está com 81 anos. Ele veio morar comigo depois que ficou internado por causa de um derrame em 1997. Antes disso, ele tinha pequenos problemas de memória, mas nada que a gente considerasse grave. Mas, depois, o caso ficou mais sério. E minha mãe ficou sem saber como lidar com isso... Trouxe meu pai para casa com muita vontade de cuidar dele. Mas todos pensávamos que ele não iria resistir muito, porque ele estava fraco... Olhando para ele, hoje, não dá para fazer idéia do que ele passou. Ele está bem agora, graças a Deus... Não é fácil dar conta de tudo, ele precisa de cuidados, de alguém com ele o tempo todo. Hoje, estou com uma pessoa ótima com ele, que também se chama Maria José. Olha a coincidência? E meu pai se dá superbem com ela. Encontrei a Maria José num momento bem complicado. A outra moça que trabalhava comigo antes, cuidando do meu pai, me disse um dia que ia embora. Eu entendi perfeitamente, eram os ventos da mudança soprando mais uma vez... Ela tem um filho pequeno, que morava aqui com a gente, e queria tocar a vida. Mas eu me vi, de repente, precisando encontrar alguém imediatamente. E não podia ser qualquer um para cuidar de uma pessoa de idade, com dificuldade para se comunicar e se locomover... Aí me veio uma luz, do nada! Fui direto para um convento de que eu tinha ouvido falar. Bati lá, falei com a irmã supervisora, expliquei o caso e perguntei se ela não saberia indicar alguém para o trabalho... Eu pensei que ela ia pegar meus dados e me ligar depois se soubesse de alguma coisa, sei lá. Mas que nada. Na mesma hora ela mandou chamar três mulheres que ela achava que tinham o perfil para o trabalho. Eu não acreditei! Logo de cara eu simpatizei com a Maria José. E, em casa, meu pai também gostou dela de cara, o que é o mais importante... Incrível como o universo nos mostra que é nosso maior aliado.

2) Helena de Grammont: heroína de folhetim

Nomes e vozes

Helena de Grammont.

Esse nome sempre me remeteu a uma voz. E a um outro nome: Eliane de Grammont.

A voz, dela própria, Helena. Timbre forte, muito marcante nas reportagens, nos últimos anos já sem passagem e quase sempre de defesa do consumidor, exibidas no *Fantástico*, da TV Globo.

O nome, Eliane de Grammont, também tem a ver com voz, mas outra... A da cantora que se calou, assassinada, com cinco tiros, na década de 1980, pelo ex-marido e também cantor Lindomar Castilho.

Eliane era irmã de Helena. Deixou uma filha, Liliane, hoje com 24 anos.

A maneira com que Helena constrói suas matérias para a televisão, optando por uma estrutura narrativa em que a sua própria imagem aparece nada ou muito pouco, e os temas abordados por elas – na maioria das vezes, cobranças sobre más condições de produtos ou estabelecimentos comerciais a partir da avaliação de institutos de inspeção de qualidade – despertaram minha atenção. Seriam essas escolhas da repórter ou imposições do programa? Como a jornalista, aos 55 anos de idade e 29 de profissão, avalia seu trabalho nesse nicho da notícia? Ou ela simplesmente não reflete a respeito? Afinal, o mercado de trabalho nem sempre nos brinda com a possibilidade de tratarmos de temas que julgamos relevantes... Ou mesmo isso é questão de escolha?

Meu interesse em discutir questões como essas com Helena, que, até agosto de 2005, data do nosso primeiro encontro, nunca tinha visto pessoalmente, aumentou quando iniciei a pesquisa sobre a possível colaboradora.

Inevitavelmente, logo cheguei a Eliane; ao crime.

A Revista *Isto É Gente*, de 11 de setembro de 2005, publicou o texto intitulado “O bolero de Lindomar Castilho”, de autoria do jornalista Ramiro

Zwetsch. Helena é mencionada como uma das fontes da reportagem, publicada num momento em que o cantor tentaria recomeçar a carreira:

“Lindomar Castilho na rua de sua casa, em Goiânia: ‘Carrego um sentimento de culpa enorme’, diz o cantor, que recomeça a carreira, ainda atormentado pelas lembranças do crime que cometeu. Nem os boleros mais tristes teriam desfecho mais dramático. A história que envolveu os cantores Lindomar Castilho e Eliane de Grammont acabou em tragédia, abrindo uma ferida que ainda está longe de cicatrizar. O goiano Lindomar e a paulista Eliane se casaram no dia 10 de março de 1979, dois anos depois de se conhecerem no corredores da antiga gravadora RCA, em São Paulo. O cantor, na época, já era conhecido como o rei do bolero enquanto ela ainda ensaiava os primeiros passos de sua carreira. O casal teve uma filha, Liliane de Grammont, e se separou exatamente um ano depois da data do casamento. ‘Antes de casar, os dois decidiram que ela não cantaria mais para se dedicar ao lar’, conta Helena de Grammont, irmã de Eliane e repórter do *Fantástico*.

Depois da separação, a cantora voltou a fazer shows. Na madrugada de 30 de março de 1981, ela cantava no Café Belle Époque, em São Paulo, acompanhada pelo violão de seu novo namorado, Carlos Randall, primo de Lindomar. Enquanto cantava os versos ‘Agora era fatal que o faz de conta terminasse assim’, da canção ‘João e Maria’, de Chico Buarque, levou cinco tiros pelas costas. O autor do crime era seu ex-marido.

Depois de cumprir doze anos de pena – seis deles em regime semi-aberto – Lindomar Castilho ganhou liberdade em 1996 e tenta agora retomar a carreira, na esteira do sucesso de Reginaldo Rossi, outro cantor romântico que estourou nos anos 60 e voltou a ser notícia recentemente.

O cantor está lançando *Lindomar Castilho ao Vivo*, o primeiro CD por uma grande gravadora desde o cumprimento da pena. ‘Minha voz não é a mesma, mas continua boa’, opina. Desde que se encontra em liberdade, Lindomar mora em Goiânia e evita ir a São Paulo. ‘Eu carrego um sentimento de culpa enorme’, diz o cantor. Arrependimento, no entanto, é uma palavra que ele prefere não pronunciar. ‘Não é arrependimento. A tragédia aconteceu, independente do

meu querer ou não querer’, diz ele, enxugando as lágrimas e tentando mudar de assunto. ‘Agora estou procurando ocupar minha cabeça, trabalhando dia e noite nesse disco.’

Por ironia do destino, Lindomar saiu de Goiás para começar a carreira em São Paulo, em 1961, a convite de Paulo de Grammont, tio de Eliane e diretor artístico da Organização Vítor Costa, grupo de comunicação que detinha a concessão do canal 5. Nessa época, Eliane nem era nascida. ‘Embora nossa família tivesse contato com Lindomar, nós só o conhecemos de verdade através de Eliane’, lembra Helena. ‘Conhecíamos o artista, não a pessoa.’

Ainda em 1961, o cantor lançou seu primeiro álbum, com repertório de Vicente Celestino. Daí em diante trilhou um caminho de sucesso, chegando a vender, na década de 70, 500 mil cópias de um LP, marca mais do que satisfatória para os padrões da época. Com o novo disco, Lindomar pretende vender ainda mais. ‘Minha filha, Liliane, me fez uma grande surpresa, me procurando um dia antes do meu aniversário, em 1998’, lembra Lindomar. ‘Foi ela quem me sugeriu que eu retomasse a carreira.’

Lindomar não via a filha havia 17 anos. Liliane – que não retornou o contato ao ser procurada por *Gente* – cresceu em São Paulo, criada pelas tias Helena e Carmen de Grammont. Ela hoje é dançarina e realizou um curso de seis meses na escola de dança Julliard School, de Nova York, financiado pelo pai.

Desde aquele reencontro, Lindomar e Liliane voltaram a se ver poucas vezes. ‘Eu não a procuro por respeito à família atingida’, diz Lindomar. ‘Liliane foi atrás da história de sua vida. Ela precisava conhecer o pai’, explica Helena. ‘Nós nunca falamos mal do pai dela, aliás nós quase nunca mencionamos sequer o nome dele.’

Depois de ser procurado pela filha, Lindomar voltou a fazer alguns shows. Logo veio o convite da gravadora Sony, que foi aceito na hora. O repertório reúne grandes sucessos de sua carreira, incluindo composições próprias e canções de outros autores que ficaram famosas na sua interpretação. Estão no disco, entre outras, ‘Eu Vou Rifar Meu Coração’ (que tem mais de 50

regravações mexicanas), 'Você É Doida Demais' (regravada por Leandro e Leonardo) e 'Cabecinha no Ombro'. Lindomar vive em Goiânia e namora a funcionária pública Vera Cruz de Castro Lobo, 49 anos, que o cantor faz questão de manter distante da imprensa. 'Ela não tem nada a dizer sobre tudo que aconteceu', afirma Lindomar."

A reportagem foi transcrita na íntegra. O texto foi selecionado para contextualizar o leitor desta pesquisa. Encontrei nos arquivos dos jornais *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo* mais material sobre o crime, que não vinha ao caso anexar ao presente estudo.

O episódio, absurda e infelizmente mais um entre tantos de que temos notícia pela imprensa todos os dias no nosso e em outros países, foi uma motivação a mais para que eu procurasse Helena.

Impossível evitar que me imaginasse em seu lugar. Como eu me comportaria, sendo mulher, irmã da vítima e jornalista, no olho de um furacão como aquele, com um impacto social tão violento?

Vinte anos se passaram e, nesse período, o trabalho de Helena no telejornalismo parecia incansável... Acreditaria ela que pudesse ajudar a melhorar a sociedade por meio da profissão?

Já eram muitas as perguntas. Queria ouvir as respostas.

A caminho da roça

Estrada Velha de Tremembé, Vale do Paraíba, São Paulo.

Essa é parte do caminho que interligava as cidades paulistas desde a capital até o Rio de Janeiro antes da construção da Via Dutra.

Por sugestão de Helena, nosso encontro foi marcado numa preguiçosa tarde de sábado em um refúgio do qual, como ela mesma diz, desfruta menos do que gostaria.

Na placa de madeira sobre o amplo portão, também de madeira: "Chácara da Leninha".

O diminutivo me causou estranheza; nada tinha a ver com a imagem a que a voz forte e marcante das reportagens me remetia.

Uma senhora miúda me recebe à entrada. Helena surge logo atrás: calça jeans, tênis e um sorriso muito amável. Ela me apresenta àquela pequena senhora. “Ela e o marido cuidam de tudo para mim! São os caseiros e moram bem aqui. É ótimo porque adoro esse lugar, mas, infelizmente, não tenho conseguido vir muito para cá... Bem ali ao lado, dá para ver entre as folhagens, moram minhas amigas... (Risos)...”

As “amigas” são as trabalhadoras do Café Paradise. O estabelecimento, um bordel, é vizinho de parede – melhor dizendo, de cerca de plantas – da Chácara da Leninha. “As pessoas têm preconceito, mas eu não! Acho até bom, porque elas estão sempre aí, certamente podem ver se alguém tentar pular o meu muro ou coisa do tipo. E, além do mais, quando venho pra cá, costumo dormir tarde. Quero curtir minha casa, tomar um vinho com meu marido... Então, quando penso em ir dormir é a hora em que elas já estão encerrando o expediente mesmo... Não me incomoda em nada. Elas são ótimas!”, diz Helena, enquanto me mostra a chácara. A casa de madeira, estilo rústico e muito aconchegante, fica cercada por muito verde. “Até a piscina está verde, cheia de folhas (risos)... Como você pode ver, essa faz tempo que eu não uso”, brinca.

Uma menininha muito elétrica e sorridente, uns 2 anos de idade, diverte-se na sala com uma jovem que parece ser sua mãe. “É a minha paixão, minha netinha. Quer dizer, neta do Juarez (Soares, jornalista esportivo), meu marido – aquela com a neném é filha do Juarez – mas é como se fosse minha. Falando nisso, o Juarez onde está? Ah... Está dormindo lá no quarto... Bom, vamos conversar mais para lá então que a gente fica mais sossegada.”

Acomodamos duas cadeiras sob uma árvore, no jardim, perto da piscina e de umas estátuas de anões da branca-de-neve que se multiplicam pelo gramado.

“Aqui é tudo assim, minha filha, cheio de estatuetas mesmo... Bem com cara de família”, brinca mais uma vez Helena. É nesse clima descontraído que ela me conta a sua história.

Heranças

Existem coisas que a gente nunca esquece mesmo. Uma delas, que eu nunca esqueci, nunca, é meu pai abrindo o dicionário, em qualquer página, para a gente tentar descobrir qual era o significado daquela palavra que ele escolhia. Toda noite, podia acontecer o que fosse, papai reunia todos nós, que não éramos poucos - éramos 10 irmãos - e a gente adorava esse momento, que era hora de aprender alguma coisa, de aprofundar um pouco. Porque, quando a gente é adolescente, jovem, quer ficar perto das coisas mais fáceis. E meu pai ensinou que a gente tem que buscar as coisas... Procurar e achar essas coisas. A busca é importante. Então, nunca faltou dicionário: nem no meu quarto, nem nos outros. Quer dizer: não eram muitos quartos. Éramos 10 irmãos e havia 4 quartos. Mas em todos tinha dicionário. A gente tinha essa ligação com o correto, com o que é errado e o que é certo. Com a ética. E levei isso para a minha profissão, para, inclusive, poder discutir, brigar por aquilo em que acredito. Isso, desde o mais básico, que é o compromisso de não falar português errado!

Teve uma vez na TV Globo muito engraçada... Você lembra da Diléa Frate? Ela era editora e eu fui fazer uma reportagem de uma indiazinha que estava desaparecida. E meu encerramento era o seguinte: "se você vir a indiazinha, telefone para esse lugar." E a Diléa: "vir? Como?". E eu, "vir, do verbo ver". E aí ela não acreditou. Precisou do Woile Guimarães, que era um jornalista de muita categoria, dizer, não, a Helena de Grammont está certa, é "vir". Então, a gente foi aprendendo enquanto trabalhava, porque até os nossos chefes não sabiam como era.

Esses encontros com meu pai eram o máximo... Aquela mesona, redonda, e a gente lá. Os meus irmãos...

Eu perdi 4 irmãos.

O Luciano, lindo, morreu de uma miocardiopatia de causa indeterminada. Ele era muito jovem, tinha 20 anos. Naquela época, não existia transplante.

Depois, perdi a minha irmã Eliane, assassinada pelo Lindomar Castilho. Ela tinha 21 anos. Era casada com ele.

Perdi meu irmão Walfrido, também de miocardiopatia. Ele tinha o mesmo nome do meu pai... Meu pai, Walfrido de Grammont, era um jornalista de Belo Horizonte. Ele foi diretor de jornalismo da Rede Globo em BH.

E perdi o Júlio de Grammont, que foi o assessor do Lula. O Julinho foi o homem que lançou o Lula. O Julinho trabalhava na Bandeirantes e fazia entrevistas sobre São Bernardo, greve, quando começou aquela movimentação de greve. O Julinho era jornalista e foi entrevistar o Lula quando foi criado o sindicato dos metalúrgicos em São Bernardo do Campo. Ele fez uma entrevista, a segunda, a terceira, quando foi na quarta entrevista o Lula perguntou: Julinho, você não quer trabalhar como meu assessor? Aí, o Julinho era tão idealista que disse assim: eu vou. Ele largou o jornalismo em função de se dedicar a melhorar o país, melhorar o mundo. Meu irmão Júlio de Grammont tinha 17 anos quando foi preso político, ficou no DOI CODI, depois foi para o Presídio Tiradentes, e foi lá no presídio que ele descobriu a estrela do PT. Tinha lá os chamados naquela época de comunistas, que na verdade eram os idealistas, que deram para ele uma estrela. E quando surgiu o sindicato, meu irmão botou na estrela o nome PT, dentro da estrela. Aí foi criado o PT.

O Júlio morreu num acidente de carro.

O Luciano faleceu de miocardiopatia, o Walfrido de miocardiopatia, Eliane tinha miocardiopatia... E o Julinho, de desastre.

Nós fizemos depois exames em toda a família e não deu miocardiopatia em ninguém. Imagina o meu terror em ter filhos, por ter tido irmãos com esse tipo de doença. Não tinha transplante, então, não tinha o que fazer.

Agora, somos 6 irmãos, muito unidos. E temos, todos da família, muita relação com o jornalismo. Eu tenho uma irmã que mora em Ubatuba, faz assessoria; Juarez Soares, meu marido, é jornalista. Meus filhos, Ana Júlia, Juliana e Alexandre são todos jornalistas! Só a Juliana que, agora, está fazendo Direito. Alguém tem que defender essa família aqui! (Risos...).

Eliane

Na época em que minha irmã Eliane foi assassinada, me afastei da TV. Fui testemunha no processo.

A Eliane...

O Lindomar Castilho era, antes de mais nada, um alcoólatra. Quando ele ia gravar, ele não bebia. Ficava numa abstinência e numa cavalice... Ele se apaixonou pela Eliane porque a Eliane era uma cantora. Inclusive, cantora de músicas da minha mãe. Minha mãe, Helena de Grammont – eu tenho o nome dela – foi compositora e, inclusive, gravou música com o Lindomar Castilho. Eles se conheceram na gravadora RCA. Um dia, a Eliane foi com a minha mãe à RCA e conheceu o Lindomar Castilho. E eu nunca vou me esquecer, ela chegou em casa e disse: encontrei o amor da minha vida... Mal sabia ela que ela não tinha encontrado amor da vida dela; ela tinha encontrado o homem que ia matá-la...

Não é chocante?

E a Liliane, filha do Lindomar, que tem hoje 24 anos, filha da Eliane, ela fala: meu pai é intragável. Ela vai uma vez por mês visitá-lo porque, de alguma forma, se sente obrigada, emocionalmente, a dar uma assistência.

Ele está superdoente e eu estou pouco me importando.

Eu sei que aquele foi um período muito difícil, muito...

Quando a minha irmã foi enterrada, a única coisa que consegui dizer à minha mãe foi: mãe, não chora. Lembre-se de que o Lindomar ia fazer qualquer coisa ruim com filha. A Eliane tinha miocardiopatia. Imagina se a Eliane morre e o Lindomar leva a Liliane... E a Liliane ia ser criada por um monstro. Então, disse à minha mãe, você vai ficar com a guarda da Liliane, porque o Lindomar matou a Eliane, não tem direito a ficar com a filha. Aí, a minha mãe parou de chorar na hora. E ela ficou com a Liliane até a Liliane ter 13 anos.

Aí, a minha mãe ficou doente... Teve um linfoma e a guarda da Liliane passou para a minha irmã mais velha, a Carminha. E, hoje, a Liliane chama a minha irmã mais velha de mãe. Quando ela fala no pai, ela diz: meu pai, coitado, eu tenho dó dele.

Ela tem dó.

Nunca escondemos nada da Liliane. Dissemos tudo, desde sempre, mas sem nunca atacar o pai dela. A vontade era falar assim: você tem um pai monstro. Mas a gente dizia: seu pai não estava normal... Ele tinha problemas... Problema com álcool... Um grande cantor... Mas ele não é capaz de dividir... Ele tem medo de você... Medo de ter uma filha mais forte que ele.

O que aconteceu foi uma coisa muito maluca, porque a Eliane era apaixonada pelo Lindomar Castilho. Era o homem da vida dela. Quando ela entrou em casa dizendo que ele era o homem da vida dela eu pensei: meu deus, a minha irmã está louca. O que ela viu nesse cantor brega? Minha mãe, uma compositora de dissonante, a Eliane também cantava muito bem... Mas a gente tem esse respeito... Ela foi lá e casou. Mas, para casar, primeiro ele quis que ela engravidasse. Ele queria um filho, não queria a Eliane. Só quando ela ficou grávida de 6 meses, muito grávida, aí ele foi lá e casou com ela no cartório. Eu lembro que meu marido, estava até em outro país, e eu tava lá no casamento da Eliane. Mas a gente sempre tinha que se intrometer... Por exemplo: o Juarez adorava a Eliane, adorava. Aí, ela ligava pra gente: ah... vem aqui em casa... o Lindomar tá tão chato... A gente ia.

Nós todos morávamos em São Paulo. A Eliane, ali nos Jardins. Um lugar muito agradável, muito bonito, apartamento muito bonito. Mas ela era muito, muito infeliz. Porque, na cabeça do Lindomar, a mulher tinha só que cuidar da casa. Mas só que, se a Eliane pegasse um quadro e pendurasse na parede, ele chegava e dizia assim: tá horrível. Então, muitas vezes, ela me chamava lá na casa dela para pendurar os quadros. Porque, aí, ele não escolhambava. Ela sempre precisava de um respaldo da família. Era como se ele a amasse e odiasse ao mesmo tempo. Eu tenho a impressão... Eu nunca disse pra ninguém, mas vou dizer pra você: o Lindomar tinha um problema sexual extremamente grave. Não tava bom pra nada. Sabe quando a pessoa não se encontra?

Então, houve um julgamento, ele foi condenado a 12 anos de prisão, pena máxima na época.

Depois do crime, eu procurei como advogado o José Carlos Dias, que na época era o bambambam. Mas ele conseguiu outro caso que deu mais dinheiro pra ele... Aí, pensei no Márcio Thomaz Bastos, que era um homem da Cúria. Ele não era advogado famoso. Então nós contratamos o Márcio, que virou o criminalista do ano.

A condenação poderia ser cumprida em Goiânia e o Lindomar foi transferido pra lá. Compôs música na cadeia, gravou... E a gente teve uma postura com a Liliane de nunca falar mal do pai dela. Até que um dia ela quis conhecer o pai; eu dei a passagem. Ele ainda estava na cadeia e ela tinha 16 anos. Colocamos a Liliane num avião e ela foi conhecer o pai. Estava cheio de quadros dela na parede de onde ele ficava; da mãe, não tinha nenhum. Eu sei que, quando ela voltou, disse: nossa, meu pai é um homem horrível, é um coitado, que decepção. Hoje, ela liga, conversa, mas, naquela época, ela descobriu que o pai não é uma pessoa normal. Para você ter uma idéia, o grande amigo dele é um homem que matou 4 mulheres e enterrou os corpos no quintal da casa dele. Foram descobertos os 4 cadáveres. Ele era dono do Restaurante Goiano, em São Paulo, perto da Praça 14 Bis.

Falar disso, pra mim, tem 2 aspectos. Por um lado, eu sei que minha irmã poderia morrer a qualquer momento, por causa da miocardiopatia. Por outro lado, o Lindomar não podia ficar impune, pelo modo como a Liliane foi tratada. Ele não merece ter uma companheira, porque ele não sabe lidar com as mulheres.

Eu estou contando isso pra você para te dar uma idéia de todo o contexto... Porque as pessoas não têm noção disso. Já que a gente está falando de jornalismo, de ética... Eu sou ética. Eu não inventaria e não aumentaria nem um tostão. Não existe faz-de-conta no jornalismo.

Papéis

Quando alguém vem com essa história "vamos fazer de conta" eu falo, bom, então, vamos anunciar na reportagem que estamos fazendo isso para ver o que vai acontecer. Mas faz-de-conta entre 4 paredes não existe, porque, se existir, alguma coisa a gente está escondendo.

Eu levo essa postura para o meu dia-a-dia, com os meus filhos, com as pessoas que trabalham comigo, com as pessoas que eu encontro na rua.

Outro dia, recebi um elogio tão gostoso! Fui ao supermercado – porque vou ao supermercado, faço compras para a minha casa, lista das compras, compro coisas para as minhas filhas, porque eu gosto de presentear... Sou dona-de-casa também. Não sou dona-de-casa e jornalista; sou jornalista e dona-de-casa. Eu sei que a coisa mais forte que tenho é o respeito ao jornalismo; ele não é brincadeira. No jornalismo, você mexe com as pessoas, com a vida das pessoas, com a emoção das pessoas... E você pode mudar o mundo. Mas então, eu estava no supermercado, a moça desceu do carro e disse: você não sabe o quanto eu te admiro! E você é linda pessoalmente! Você tem uma voz maravilhosa... Sempre que você abre a boca a gente sabe: essa é a Helena de Grammont.

Quer dizer: nas minhas matérias, não mostro a cara; não gravo passagem. E as pessoas marcam, só de me ouvir falar. Meu marido às vezes fala: por que você não grava passagem? Eu falo: já passei do tempo de fazer passagem... Já fiz muita reportagem nessa estrutura: abertura, texto, passagem, encerramento, tudo isso na rua. O motoqueiro vinha da redação buscar. Quando eu chegava à redação, muitas vezes, a matéria já estava no ar.

No jornalismo do dia-a-dia, do *Jornal Nacional*, *SPTV*, por exemplo, parece que as reportagens não têm profundidade. Acho que o telespectador não acredita muito naquilo; é muito rápido, não tem substância. Aí, percebi que eu podia fazer um jornalismo sentada ao lado de uma pessoa fazendo só entrevista com ela. Ela é que tem que aparecer; eu não tenho que aparecer. Eu já tenho

uma voz marcante, tenho um nome marcante, por que eu vou roubar o espaço do meu entrevistado?

O meu papel quando faço uma entrevista é o seguinte. Vou te dar um exemplo. Fiz um povo-fala na rua outro dia sobre mentira, pegando o gancho da mentira no Congresso Nacional, etc. E as pessoas falam mesmo! E dizem: não me corte! Deixo que elas falem... Eu só cutuco.

Eu acho o povo-fala tudo! São os anônimos falando... Muito jornalista acha povo-fala uma bobagem porque não sabe abordar.

Já fiz matéria em que levei revólver na cara, já fui trancada dentro de um açougue, com um cara querendo matar a gente, enfim... Mas meu maior elogio como jornalista recebi do Arthur da Távola. Ele escreveu: Helena de Grammont, ela tem nome de heroína de folhetim.

E tenho também muitos telegramas de elogios assim, todos guardados, porque eu mostro para os meus filhos. É uma maneira de passar para eles o que recebi.

Adoro o que faço! Eu fui a maior repórter de defesa do consumidor... Isso tem a minha cara, porque sou justiceira. Já cresci justiceira e acho que fazer esse tipo de reportagem é dever do jornalismo.

No *Fantástico*, por exemplo, todos os domingos é preciso ter alguma coisa que defenda as pessoas, que defenda o entrevistado, que defenda a mulher, que defenda o homem, é dever. Nós estamos aqui para somar. Eu não faço jornalismo para mim. E, infelizmente, acho que isso está ficando raro. Tive chefe que disse assim: ah, mas você é muito exagerada! Mas, pra mim, não é nada disso. É que levo minha profissão, meu trabalho, muito a sério; não tem faz-de-conta. Sempre tive essa visão sobre o jornalismo, desde o início da minha carreira até agora. Na verdade, sempre levei isso dessa maneira porque minha família era ética. Eu nasci num berço de jornalistas.

No julgamento do Lindomar Castilho eu me afastei da Globo, fui trabalhar na Abril Vídeo, na Avenida Paulista. Lá, também fiz coisas muito legais. Por exemplo, uma série chamada "De Frente pra Vida", só com a terceira

idade. São quarenta fitas falando sobre a mulher e tudo mais. Fiquei na Abril Vídeo durante um ano, até o fim do julgamento, em que fui testemunha.

Uma das coisas que me irritaram nesse episódio do crime, em relação à cobertura da imprensa, envolveu a Isabela Assunção, que já era da TV Globo. Quando foi entrevistar o advogado do Lindomar, um bambambam, a Isabela falou perto de mim: esse homem é brilhante! Eu fiquei péssima... Ela falou isso do homem que defendia o assassino da minha irmã! Pareceu que ela fez de propósito... Então, ficou um clima ruim entre a gente. A Isabela é uma grande repórter, não há dúvidas. Ninguém faz *Globo Repórter* como a Isabela. Além de tudo, ela fotografa muito bem, tem muita segurança. Mas daquele episódio, do comportamento dela, eu nunca me esqueci.

Eu fiz dois programas para o *Globo Repórter*. Um deles, só fiz porque foi sobre irmãos. Mas não é o meu estilo. O *Globo Repórter* é uma coisa muito longa. Pra mim, é um programa de entretenimento e eu gosto de jornalismo. Como a Isabela combina muito bem; para mim, não funcionou.

Quando comecei, eram poucas mulheres no vídeo. Muitas delas estão voltando agora. Somos de uma geração que sabe trabalhar, mas nem sempre agrada a chefia, porque, hoje, parece que muitos chefes não gostam de polemizar, preferem que a gente deixe o trabalho correr fácil, preferem o mais ou menos. Mas, pra mim, não tem trabalho mais ou menos.

Recentemente, cheguei a pedir demissão por causa disso. Mas a chefia da Globo no Rio de Janeiro não aceitou. Não cheguei a dizer que não estava me sentindo valorizada no *Fantástico*, mas eu não estava valorizada. O estresse era tanto que cheguei a ter um derrame no olho. E, no fim, pedi demissão, mas o chefe do Rio não aceitou. Ele andou abraçado comigo pela redação inteira e tal e disse: quando a Helena pedir alguma coisa, quero que ela seja atendida imediatamente.

Aí, voltei pra São Paulo, focada no meu trabalho.

A gente tem que olhar só para uma direção: a direção da verdade, da correção. Eu não quero que chefe goste de mim; ele pode admirar, eu aceito; eu quero que chefe me respeite. Não almoço com chefe, não janto com chefe, não

vou nem na lanchonete da TV com chefe. Se eu chegar lá e ele estiver, tudo bem, como junto e tal, mas é só.

Padrões

Beleza, no vídeo, pra mim, nunca foi o mais importante. Muitas vezes, conforme a matéria, eu vou fazer reportagem de calça jeans, camisa e ninguém lembra com que roupa eu estava, ninguém repara.

Não acho que exista cobrança em relação à estética. Na Globo, pelo menos, não consigo ver isso.

Minha filha mais nova é jornalista e trabalha na área; ela tem 25 anos, anda arrumada, tudo, mas não dá importância... Mas também ela não faz vídeo.

Nunca fui cobrada pela chefia em relação a isso. Aí é que está. Tenho uma personalidade muito forte. Se alguém vier me cobrar em relação a roupa, vou dizer: chama o pessoal do figurino. Até poderei comprar roupas novas, mas terei que dar essa posição. E tem outra coisa: não adianta me colocar muito blazer não porque eu ponho o pé na lama. Não posso ir chique entrevistar gente na favela; não vou humilhar as pessoas. E quando eu chego a um lugar desses, você precisa ver. Tenho que entrar na casa, comer, quase janto na casa da pessoa... É uma relação muito próxima. É claro que a gente tem que estar com o cabelo penteado, uma blusa com uma cor boa, uso sempre calça comprida que não marque o corpo, roupa discreta, para não desviar a atenção do espectador, mas isso tudo é preocupação minha, nunca ninguém me mandou fazer isso.

A gente não sabe onde a gente vai estar. Se eu for entrevistar o Antônio Ermírio de Moraes, em vez da bota, ponho um sapato; em vez de jeans, ponho uma calça preta e pronto. Mas é só isso. Acho que o repórter não pode desviar a atenção do espectador, atravessar a notícia, nem por um lado nem por outro; nem por se exhibir demais nem por ficar mulambento. Acho que calças bege, marrom e preta são ótimas; sapato sempre fechado e camisa bonita, mas sem rodocó. Porque, muitas vezes, você vai pra rua entrevistar gente simples... Por exemplo, no Jardim Peri-Peri, periferia de São Paulo. Eu vou de blazer no Jardim Peri-Peri? Largo o blazer dentro do carro, não vou descer de blazer! A

primeira coisa que você tem que fazer quando vai falar com um entrevistado é pensar: eu nunca te vi, você nunca me viu. Então, é preciso criar um clima amigável, favorável à conversa, para que ele se abra. Eu baixo a guarda. Muitas vezes, nem interrompo uma entrevista com palavras para fazer a conversa seguir. Com um gesto, você pode fazer com que a pessoa se sinta à vontade para falar mais. Eu faço o entrevistado crescer, sem interromper, só com um olhar. Quero saber o que ele vai contar para o mundo... Que ele denuncie ao mundo o que ele pensa.

Superação

No passado, conciliar família e profissão foi uma guerra. A ex-mulher do Juarez não me aceitava; as filhas também não. E eu entendo, né? Foi muito complicado. Eu também perdia a paciência... Só depois de alguns anos é que as coisas entraram nos eixos. Só com a maturidade, não adianta.

Meus filhos Alexandre e Juliana são do meu primeiro casamento, com o Odair (Redondo, também jornalista). A Ana Júlia é filha do Juarez. Quando comecei no jornalismo, aos 26 anos, as crianças já haviam crescido um pouquinho. Antes de entrar nessa carreira, eu havia cursado Sociologia e Política na Faculdade General Jardim, em São Paulo. Depois é que cursei jornalismo, na Cásper Líbero, em 1977, aos 26 anos. Tinha abandonado o curso de Sociologia porque, na época, fiquei grávida e também passei a achar que o trabalho no jornalismo teria mais a ver com a minha vida. Comecei jornalista com os filhos nascidos, antes mesmo de me formar jornalista... Em 1976, bati na porta da TV Globo, que era na avenida Marechal Deodoro, no centro de São Paulo, e pedi um estágio. Entrei, dei meu nome para a secretária e o chefe na época, Luís Fernando Mercadante, me mandou entrar. Disse que ia me receber porque eu tinha um nome muito bonito. Eu disse a ele que queria fazer jornalismo e ele me perguntou: como assim? E eu falei, quero defender o povo. Ali, eu já adorava fazer povo-fala, as matérias chamadas às vezes pelos colegas de "buracos de rua", mas que interessam, e muito, à comunidade; comecei a gostar cada vez mais daquilo. Com o tempo, eu me transformei na primeira

repórter especial da emissora. A Alice-Maria, que era a diretora, dizia que eu era a repórter que sabia fazer o povo falar.

Mas voltando à questão da família, estou casada há 27 anos com o Juarez (Soares), que sempre trabalhou na cobertura esportiva, inclusive na TV Globo. Quando ele viajava para a Copa do Mundo, a Alice-Maria dizia: vamos mandar a Helena fazer reportagens pelo Brasil... E sabe que o Juarez me achava em todas as cidades onde eu fazia matérias! A gente sempre se falava pelo telefone, e nós deixávamos bilhetes um para o outro na redação da Globo. Eles viraram até um livro, chamado *Beijo na Boca*, impresso pelo Juarez. Parte da nossa vida está registrada no livro, que tem tudo a ver com o meu trabalho.

Eu gosto de preservar as pessoas. No fundo, briguei para que minha família não se desfizesse. Briguei para que ela crescesse e foi o que aconteceu. Hoje, até a Cida (Maria Aparecida), ex-mulher do Juarez, é minha amiga.

Mas nunca passou pela minha cabeça abandonar minha profissão. Eduquei meus filhos dizendo que o meu trabalho era importante pra minha cabeça, para o meu humor e para o dinheiro da família, que fazia falta a eles. E sempre houve uma compreensão. A Ana Júlia, a mais nova, às vezes chorava de saudade, disso, daquilo... Mas hoje está tudo superado. Tenho dois quadros que eu ganhei agora no dia das mãe das minhas duas filhas que eu vou pendurar em algum lugar aqui, ainda preciso escolher onde. São duas cartas que elas escreveram e eu emoldurei. São muito lindas. Eu me sinto muito realizada, como mulher, profissional e mãe.

3) Mônica Teixeira: rota de saída

Antes da viagem, uma visita aos personagens da história

Meu encontro com Mônica Teixeira para este trabalho foi na verdade um reencontro. A retomada de uma conversa frutífera, temporariamente encerrada oito anos atrás.

Nosso primeiro contato, em 1997, também teve motivação acadêmica.

Eu estava no segundo ano do curso de jornalismo da ECA quando iniciei um trabalho de extensão universitária no Núcleo de Jornalismo e Cidadania, sob orientação da professora Alice Mitika Koshiyama, que seria minha tutora durante toda a graduação e orientadora do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e desta pesquisa de mestrado.

Àquela época, o projeto era o “Personagens da História: metodologia e prática da entrevista com jornalistas contemporâneos/mulheres jornalistas na imprensa feminina e feminista”, que abordava a história do jornalismo recente a partir do ângulo dos jornalistas com importantes realizações na imprensa brasileira, conceituados e destacados na profissão. O trabalho colocava bolsistas – eu entre eles – em contato com a metodologia em história e em jornalismo e com os procedimentos para planejamento, coleta, redação e edição de textos. A perspectiva dada pelas leituras durante a pesquisa orientava o trabalho de campo e a escolha das personagens jornalistas convidadas a registrar as suas histórias de vida.

A primeira fase do projeto foi encerrada em 1995, antes da minha chegada ao grupo. Dela, resultou um texto com 26 entrevistas apresentadas em 371 páginas de depoimentos de jornalistas profissionais sobre suas atividades.

Quando entrei na equipe, com a intenção de aprender pesquisar, já que nunca havia participado de uma atividade acadêmica fora da rotina das salas de aula da graduação, o trabalho já estava na segunda fase, referente ao segmento de mulheres jornalistas que entraram na profissão a partir dos anos 1960. A escolha desse *corpus* resultou de estudos do Núcleo para elaborar o projeto de pesquisa “Carmen da Silva: A Arte de Ser Mulher, Jornalista e

Cidadã”, parte do projeto integrado “A Construção da Cidadania”, desenvolvido com o apoio do CNPq, que contou com a estreita colaboração dos professores Maria Otília Bocchini, da Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP), e José Roberto Heloani, da Unicamp.

Essa segunda fase do projeto “Personagens da História” resultou no livro *Mulheres Jornalistas: opções profissionais para a construção da cidadania*, organizado pela professora Alice Mitika Koshiyama, e do qual fui co-autora, ao lado da colega de curso Manoela M. Zigiatti.

O livro reúne depoimentos de três mulheres jornalistas, escolhidas para relatar suas histórias com base no conhecimento parcial que tínhamos de suas trajetórias profissionais. Mônica Teixeira é uma delas.

A primeira entrevista com Mônica para aquele projeto foi feita por Manoela, em 1996, quando a jornalista já era diretora do programa *SBT Repórter*, do SBT.

Um ano mais tarde, retomei o contato para complementar e atualizar o relato. Mônica desempenhava a mesma função, na mesma emissora. Com muita atenção e carinho, ela me recebeu em sua casa, em São Paulo.

Do texto final, publicado no ano 2000 pela editora Com-Arte, destaco alguns trechos.

Mônica contou, por exemplo, que, quando começou a trabalhar como jornalista, relutou em fazer o curso de jornalismo. E disse:

“Isso porque eu achava e continuo achando que o curso não serve para nada. O que o curso poderia dar, e isso não está no currículo, é uma compreensão de mundo que, hoje, o primeiro e o segundo graus não dão. Isso é de fundamental importância. Um jornalista tem de entender como o mundo funciona. Não tem de entender completamente, mas um jeito próprio ele tem de ter, porque, senão, ele está perdido. Para contar ao leitor o que apreendeu, você deve ter um critério. Isso porque você nunca vai conseguir contar a realidade como um todo, ou contar todas as versões. Não existe essa idéia de totalidade. Pode esquecer, senão você não avança como profissional.

O que separa o que entra e sai da reportagem? É a sua visão pessoal do que é importante e do que não é. A escola deveria se preocupar com isso. Você tem de formar sua visão de mundo, porque cada um tem a sua e é desejável que cada um tenha uma. Curso de jornalismo? É, não seria preciso, mas não vamos aborrecer os professores...” (KOSHIYAMA, 2000, p. 59).

Sobre a escolha do jornalismo como profissão, Mônica disse:

“Bom, primeiramente, porque (o jornalismo) era uma coisa com que eu podia ganhar dinheiro imediatamente, o que era muito importante. Mas também tinha o sentido social. Esse era meu raciocínio de então: queria continuar tendo uma atuação na sociedade e, como militante da esquerda, não podia mais. Eu já achava que não era por ali, que era impraticável. Já havia sido presa, não dava mais. As pessoas com quem eu militava haviam sido presas também. Bom, então, eu escolhi uma carreira em que eu pudesse ter uma atuação social legal, profissional e não nas horas vagas.

O jornalismo é uma profissão pública, fala às pessoas. O centro da atuação do jornalista é a atividade de informar a sociedade. Por isso é que acho que os jornalistas sofrem tanto com as mudanças políticas: a profissão sempre é atingida. O jornalismo era para mim um instrumento de ação social, um jeito de militar sem risco, ou com muito menos, e profissionalmente. Aquilo ia ser o centro da vida, não a lateral.” (KOSHIYAMA, 2000, p. 60).

A respeito das lembranças do início da profissão:

“Em 78, eu trabalhei no *Estado de São Paulo* cobrindo dois ou três meses de férias. Fiquei muito triste quando saí de lá. Assim que Miguel Jorge me falou que eu não continuaria, eu chorei, estava certa de que iria ficar. Chorei na frente dele, não tive a menor vergonha.

O período na Rádio Globo foi muito infeliz, era uma gente horrível. Eu trabalhava à noite e é horroroso trabalhar à noite. Odiava esse horário.

Uma coisa para quem está começando, e não só nessa profissão mas em qualquer outra: o que parece o fim do mundo na hora, não é o fim do mundo na perspectiva da história da vida da pessoa. A gente tende a achar sempre que o que acontece no começo é uma catástrofe sem volta, mas não se pode nunca

perder a perspectiva de que você acerta, depois erra, depois acerta, erra, erra, erra, depois acerta, acerta, acerta, entendeu? As coisas vão se consertando. Quem quer ser repórter precisa ser persistente, precisa ter paciência, curiosidade, querer saber a informação, precisa descobrir o caminho da informação. Quem tem essas características, quem está a fim disso, mesmo no mundo moderno, vai conseguir se destacar, porque não tem tanta gente que traz esses atributos.” (KOSHIYAMA, 2000, p. 61)

Ainda sobre a atividade de repórter, Mônica avaliou:

“Você vai amadurecendo na atividade de reportar. É uma profissão como qualquer outra, você vai acumulando técnicas, formas de chegar à notícia, jeitos de trabalhar.

Mas uma coisa é certa: se você é um bom repórter da imprensa escrita, você será um bom repórter da televisão, apesar de o inverso não ser verdadeiro. Tem gente na televisão que não sabe ser repórter. Como o critério para entrar na televisão é o de como você aparece no vídeo, isso acaba trazendo para o telespectador gente muito ruim.

Tenho a pior opinião possível sobre o sistema de televisão. Não creio que exista opinião pior que a minha. Acho que a televisão, mais evidentemente do que qualquer outro lugar, é o mundo da aparência. Parece que o repórter é o bom, mas muito repórter nem sabe escrever... Tem repórter de cinquenta anos de idade escrevendo enchente com “x”, separando sujeito do predicado por vírgula, sem absolutamente nada a dizer. No entanto, eles têm a habilidade de aparecer bem na frente do vídeo. Aí, quem segura os repórteres, na verdade, são os editores.

Na TV Globo, por exemplo, criou-se a cultura de que o editor é quem manda. O poder de decisão na TV Globo está nas mãos dos editores, não na mão dos repórteres, e a ordem é fazer tudo igual. Isso obedece à lógica de produção em televisão, ou seja, ninguém é imprescindível, você pode substituir, trocar. Isso é uma coisa que eu sempre critiquei muito, mas estou cada vez mais convencida de que não tem jeito. Você não precisa de mais nada para trabalhar em televisão, além de aparecer bem.

Então, existe um grupo de profissionais absurdamente vaidoso, apenas preocupado com o tempo que vai aparecer na televisão, se vai aparecer, se vai estar bem arrumado. A disputa é pelo sucesso que a reportagem pode fazer, não pela reportagem em si. Eles não se importam com a informação, não têm ligação com a profissão, a não ser com aparecer na televisão.

Com o repórter da imprensa escrita, a coisa é diferente. No jornal escrito, o repórter normalmente chega à editoria no meio da carreira porque seu salário de repórter é muito ruim. O salário do repórter de televisão permite que um cara de cinquenta anos continue sendo repórter, porque vai ganhar cada vez mais. Os salários do *SBT Repórter* são muito altos. Os salários dos repórteres são três vezes os dos editores. Na televisão é assim, quem aparece no vídeo ganha, já quem não aparece é muito diferente.

A televisão tem um aspecto positivo, valoriza o repórter. Os jornais e revistas não valorizam o repórter, então tudo o que se quer é sair da reportagem e ir para a edição. E na imprensa escrita os repórteres são muito melhores, porque é diferente você chegar da rua e ter que escrever trinta linhas. Você tem que pensar naquele troço, e é aí que você apura. Enquanto, na televisão, quem apura é a estrutura.” (KOSHIYAMA, 2000, p. 65)

E Mônica também falou sobre seu envolvimento com as reportagens:

“Enquanto estou fazendo a reportagem, elaboro pessoalmente, psiquicamente, emocionalmente aquilo que me aconteceu. Quando a reportagem vai ao ar, você se separa dela, dos personagens da reportagem, da criação da reportagem. Qual é o amor que me liga às minhas reportagens? É a criação, fruto do meu investimento. Depois, tem de separar.

Eu, pessoalmente, elaboro essa dor na reportagem. Às vezes, ela leva um tempo monumental para ser feita, que é o tempo da elaboração. Teve uma sobre os sem-terra em que eu levei um tiro, aí não conseguia fazer. Ia ao ar na quarta-feira e eu só consegui escrever na terça-feira às duas horas da manhã. Isso acontece.

Um repórter que participa da matéria, muitas vezes, sofrerá dessa paralisia, que é a paralisia de escritores, compositores, poetas. É uma coisa que

acontece. É o tempo da elaboração e, depois, o tempo da separação.” (KOSHIYAMA, 2000, p. 78).

Conferindo a bagagem

Recuperei, acima, os trechos da entrevista publicada no ano 2000 porque - e não poderia ser de outro modo - minha conversa com Mônica para a trabalho de mestrado se desenrolou a partir do que já havia sido dito durante a pesquisa anterior.

Retomar, anos depois, com a mesma colaboradora, questões sobre o jornalismo, o dia-a-dia da mulher jornalista, os anseios, as frustrações e as perspectivas de futuro dentro da profissão (ou fora dela...) foi uma experiência muito enriquecedora.

A essa grande oportunidade, some-se o fato de que Mônica é uma profissional em constante avaliação de si mesma e do ambiente ao redor.

O resultado foi um depoimento que nos proporciona a chance de trazer ao debate uma discussão bastante pertinente: o que é ser jornalista hoje? Quais são as áreas de atuação deste profissional? E o que é jornalismo, especialmente na televisão? Mônica suscitou um questionamento estimulante.

Três, dois, um... Zarpar!

Estou na hora exata e Mônica me espera do lado de fora da TV Cultura, em São Paulo, onde ela marcou a entrevista. Celular no ouvido. Do outro lado da linha, eu mesma. Durante a breve conversa sobre se eu estava mesmo chegando, observo a cena. São apenas mais alguns passos até a minha entrevistada, que anda de um lado para outro na calçada. Ela veste um belo poncho alaranjado. Faz frio no fim da tarde.

Depois de um abraço e um beijo, minha colaboradora - afetuosa e gentil como da última vez, há tanto tempo - foi me conduzindo a passos rápidos até a sala onde conversávamos, na redação. Mônica tinha um compromisso na emissora logo mais à noite naquela quarta-feira. Qualquer minuto era precioso.

Passamos ligeiramente pelo estúdio e por alguns colegas jornalistas mergulhados em seus computadores. Tive a impressão de nem ter sido notada ali. Logo já estávamos acomodadas, gravador sobre a mesa, a todo vapor! Ela começa a falar sobre os cursos de jornalismo.

Multidão de profissões

Bom, o que eu acho que está acontecendo agora é que pessoas da academia, não jornalistas, pelo fato de serem da academia, estão ensinando jornalismo científico para jornalistas. É o que está acontecendo, nessa área, que é a minha principal área de interesse hoje – e não puramente jornalismo científico, mas é a cobertura de assuntos ligados à universidade pelo viés da inovação tecnológica: o que a geração de conhecimento dentro da academia tem a ver com o desenvolvimento econômico, o crescimento econômico, com as inovações feitas pelas empresas, que geram emprego, lucro, etc. Então, nesse mundo, tem uma coisa muito ruim acontecendo. Em relação às faculdades de jornalismo, eu continuo achando exatamente a mesma coisa que eu te disse que achava há quase 10 anos. Aliás, menos ainda, hoje em dia, o profissional precisa da faculdade de jornalismo. Embora, hoje, também o jornalista faça de tudo. Quer dizer, o cara que passa pela faculdade de jornalismo ganha um diploma que oferece a ele a possibilidade de exercer uma multidão de profissões. Então, é um aspecto um pouco contraditório: ao mesmo tempo em que as escolas de jornalismo, já que elas ficaram à parte da formação do jornalista, deveriam se preocupar em dar uma visão de como o mundo funciona para quem vai ser jornalista, por outro lado elas oferecem um diploma, que é um passaporte para uma multidão de profissões. Hoje, as profissões ligadas à comunicação são muitas... São muitas as variações da profissão. O jornalista era alguém que trabalhava num jornal, ou em televisão, etc... Hoje, o jornalista é qualquer coisa: tem jornalista que é assessor especial do ministro (Antônio) Palocci. E não é assessor de imprensa, absolutamente: assessor especial do Palocci. E por que ele está lá? Porque ele era jornalista de economia. Então, tem uma espécie de diluição do contorno da profissão, tanto por causa da multidão de coisas que se

abre em frente ao jornalista, quanto também porque o mundo é assim agora, né... Os limites são menores, mas difusos.

Hoje, diferentemente do que acontecia no passado, assim como todos os outros cursos da universidade, o de jornalismo deveria ser repensado. Mas, a respeito de tudo isso que eu estou falando, eu quero dizer que eu estou agora muito afastada. Faz muito tempo desde a última vez que tive contado com escola de jornalismo. Eu parei de dar aula em 2000. Mas noto que a importância simbólica que o nome “jornalista” tem acabou conferindo a nós a possibilidade de exercer muitas funções diferentes. Às vezes eu digo: jornalista serve hoje em dia para tudo.

Também há uma desespecificação da função do jornalista, que foi dada pela televisão, que mistura um pouco. Porque é assim: o Ratinho entrevista; a Adriane Galisteu entrevista. Entrevistar já foi uma função própria do jornalista. Hoje, absolutamente, não é.

Nos telejornais, tem uma porção de personagens que não necessariamente são repórteres. Existe uma desespecificação por esse lado, interna à profissão. E há aquela desespecificação externa, de que nós já falamos, que se refere ao fato de que as pessoas acham que o jornalista pode ser um monte de coisas.

Não é algo necessariamente ruim... É mais campo de trabalho e a flexibilidade profissional, embora seja vista com muito receio pelas profissões estabelecidas, é uma grande liberdade. Traz para as pessoas que conseguem suportar a precariedade que vem junto com a flexibilidade uma grande liberdade. É maior o leque de possibilidades. Você tem mais alternativas, embora você possa não ter um emprego, com vínculo empregatício e tal.

Hoje, quantos dos jornalistas formados estão trabalhando estritamente em profissão jornalística? Quantos são editores, repórteres em jornais, ou telejornais, ou radiojornais? São poucos... A maior parte está fazendo outras coisas, trabalhando em divulgação, assessoria, marketing, internet... Até porque as redações diminuíram muito.

Existem, então, vários aspectos: um interior, dos jornais e telejornais que trazem profissionais para fazer trabalhos que antes eram específicos de jornalistas; tem o ponto de vista de quem assiste, principalmente à televisão, e vê que muitas funções que eram próprias do jornalista deixaram de ser; e tem essa mudança mais estrutural, do mercado de trabalho, que também é resultado da crescente ampliação do espaço e da importância da comunicação na sociedade contemporânea.

Outro dia, eu fui jurada do prêmio José Reis, que é um prêmio para jornalismo científico que o CNPq dá, e teve essa discussão lá: quem é jornalista? Na minha opinião, o Arnaldo Jabor é jornalista. Na opinião da Associação dos Jornalistas Científicos, não é. Tem uma desespecificação...

Esse limite fica ainda mais borrado na televisão, onde o critério ficção ou realidade não serve para separar nada. São outros critérios. O telejornal é, antes de qualquer coisa, um programa de televisão. A narrativa que se dá ali é uma narrativa ficcional. É difícil separar o *Jornal Nacional* do que vem antes e do que vem depois ou do que vem no meio. Qual é o negócio da televisão? O negócio da televisão é vender espaço publicitário. O que vai entre os anúncios não é o negócio da televisão e a gente tem ilusão a esse respeito. O negócio da televisão não é fazer novela, fazer jornal, programa jornalístico, *Globo Repórter*, programa de entrevista, não! Isso tudo é pretexto para o negócio. E qual é o negócio? Vender. Então, o critério “o que é verdade e o que não é verdade” não é um critério bom para a programação da televisão.

Acho que tem havido uma ampliação do espaço que a televisão ocupa na vida das pessoas, então ela acaba virando paradigma. E, aí, para as pessoas que assistem, o que é ser jornalista de televisão? Ser jornalista de televisão é ser celebridade. Então, qual a diferença entre, por exemplo, a Ana Paula Padrão e a Adriane Galisteu? Me diga? O que o telespectador vê? No máximo, que uma delas está num ambiente que é supostamente jornalístico, com uma bancada e tal, mas isso é uma falácia. A outra está em outro ambiente onde o compromisso com a verdade talvez seja menor, mas eu não sei não... Da mesma forma, o tratamento que é dado pela imprensa a essas pessoas é um tratamento de

celebridade. Não há a menor diferença entre ser a Fátima Bernardes e ser a Luciana Gimenez. Ambas são tratadas pela revista *Caras* exatamente da mesma maneira. Então, é preciso ter um outro olhar sobre esse tal de jornalismo de televisão.

Transformações

Eu não tenho mais nenhuma ilusão sobre uma transformação da sociedade por meio do jornalismo, especialmente o de televisão. As coisas não são como a gente pensa. Hoje, por exemplo, estamos fazendo aqui na TV Cultura uma série sobre favelas em São Paulo. Mas essa proposta não é minha, ela veio de fora. Não fomos nós aqui do jornalismo que inventamos isso. A história é assim: existe um negócio em São Paulo chamado Centro de Estudos da Metrópole, que reúne pesquisadores da USP, da Unicamp, e tem a Fundação Seade envolvida, que é um órgão do governo do estado. Aí, a presidente da Fundação Seade falou com o presidente da Fundação Padre Anchieta (Cultura) e aí eles mandaram fazer. A série se chama “Dossiê Periferia”. Nós jornalistas não tivemos nada com isso.

Veja, hoje, minha ligação com o jornalismo está muito tênue... Estou muito longe do jornalismo de televisão. Eu estou aqui, mas espero não estar mais em breve.

Aquele desejo de transformação social pelo jornalismo, lá do início da carreira, era muito datado. Tinha muito a ver com a ditadura e o fim da ditadura. Naquele momento, o jornalismo brasileiro tinha jornalistas, tinha um papel de desvendamento e tal... Havia uma inquietação... Aos 19 anos, saí e fui para o Paraná para trabalhar com jornalistas paulistas que estavam impedidos de atuar em São Paulo pela ditadura militar, como o Mylton Severiano, Hamilton de Almeida, Ruy Barboza e Narciso Kalili, que, mais tarde, seria meu marido. Eu era amiga do Rui Barboza, da mulher dele e tal. Aí, fui visitá-los e pedi para ficar. Eles me deixaram ficar e foi ótimo. Mas o jornal em que nós trabalhávamos não durou muito. Depois de uns 40 dias acabou por causa de um desentendimento com o dono, essas coisas... Aí, a gente voltou para São

Paulo e eu comecei a trabalhar na Abril Cultural, como redatora. Nessa época, cursava jornalismo na Cásper Líbero e fazia faculdade de Física! Depois é que eu parei tudo e fui fazer a ECA, porque precisava do diploma.

Mas, retomando, esse papel de desvendamento do jornalismo, de busca pelo novo, isso se perdeu completamente. Hoje, as pessoas acham que o jornalismo que a TV Globo faz é bom. Os jornalistas acham que o *Jornal Nacional* faz bom jornalismo. Então, mudou muito. Há 15 anos, 20 anos, os jornalistas olhavam o jornalismo da TV Globo com mais crítica. Hoje, não tem isso. E eu acho que deveria ter desconfiança antes e hoje... Eu que conheço o jornalismo da TV Globo há 25 anos acho que continua tão ruim como sempre. Lá, trabalhei no *Fantástico*, inclusive com o Narciso (Kalili), mas na época ainda não éramos nem namorados. Em 1982, fiz minha primeira reportagem de repercussão no programa. Era a história de morte de prostitutas do Brás, em São Paulo. Também fui do núcleo de repórteres especiais da Globo, fiz *Globo Ciência e Domingo Dez*. Por absoluta particularidade da minha carreira, nunca fiz jornal diário na televisão. Comecei no *Fantástico*, que era semanal, e todo o resto da minha carreira foi no jornalismo mensal ou semanal. Então, vi de perto, durante muito tempo, como as coisas funcionavam lá... Já era e até hoje sou muito crítica com relação à qualidade do jornalismo da Globo.

A questão então é: por que é ruim? Qual é o critério de bom e ruim? Os jornalistas não discutem mais coisas desse tipo. Antigamente, a TV Globo era um padrão do ponto de vista técnico. Hoje, o jornalismo da TV Globo é um paradigma ético. É espantoso.

Eu não sou mais uma boa pessoa para falar dessas coisas porque eu me interessou pouco hoje em dia, sabe... Uma parte disso que eu estou te falando é para duvidar, porque eu não tenho paciência para assistir ao *Jornal Nacional* há muitos anos... Por exemplo, a cobertura deles da prisão do Maluf eu vi. E, o que eu vi ali, achei profundamente lamentável: o repórter da TV Globo (César Tralli) estava vestido com o coletinho da Polícia Federal. Nas eleições de 2002, em que a TV Globo apoiou francamente o Lula, aquilo foi vendido e comprado

como jornalismo dito isento, a cobertura foi dita equilibrada, ética, de boa qualidade.

Eu, hoje, não me acho jornalista. Fui me afastando do jornalismo... Acho que não me interessa mais. O que eu penso que é o jornalismo não é o pensamento dominante entre os profissionais do jornalismo. A corrente de concepção do jornalismo que eu poderia representar foi perdedora. É uma outra tradição, uma tradição de um jornalismo mais vivo, que respeite mais as pessoas, que está interessado nas causas populares, que está interessado no novo. O jornalismo hoje não quer saber do novo. Os jornalistas não querem saber do novo. Os jornalistas querem dar a mesma notícia todos juntos. Uma fração absolutamente majoritária das notícias é a mesma em todos os lugares. Se você quiser dar antes, os seus chefes dirão: melhor a gente não dar antes porque vai cair no vazio. Então, os jornalistas não estão mais atrás do novo. Os jornalistas estão cada vez mais, e aí notadamente na televisão, interessados em reiterar o mesmo, reiterar o senso comum da sociedade.

Minha vida mudou muito. Hoje, quando digo que estou longe do jornalismo é porque minha vida é outra vida. Quando saí do *SBT Repórter*, no final de 1997, decidi que iria parar de ser escrava; foi a última vez ali em que fui escrava. Fui fundadora e diretora do *SBT Repórter*, de 1995 a 1997.

Eu fiz assim: ganhava bem no SBT e, num certo dia, resolvi que, quando acabasse o contrato, iria embora. Tinha dinheiro para fazer isso e fiz.

Saí do SBT, por vontade própria, para o nada, sem saber para onde iria. Naquele momento, achava que continuaria sendo jornalista. Fiquei 7 meses começando a reestruturar a carreira. Porque eu nunca quis ser de televisão; sempre quis ser de impresso, mas foi diferente. Então, quando saí do SBT, minha idéia era ser uma jornalista independente, no sentido de não ter um único patrão, num "vôo solo". Também decidi que não iria ser mais chefe de ninguém, porque foi muito desgastante a chefia no *SBT Repórter*. É muito chato ser chefe. Mas, quando comecei a me estruturar para fazer mais jornalismo impresso que qualquer outra coisa, a TV Cultura me convidou para fazer o *Opinião Nacional*, que foi uma coisa muito gostosa, gostei demais de fazer

aquilo. Aliás, se fosse para fazer alguma coisa em televisão hoje, eu toparia, talvez, fazer aquilo. Nunca fui tão amada na televisão quanto naquele posto ali no *Opinião Nacional*, como entrevistadora. As pessoas gostavam demais de mim. E fiz também a série “Genoma”, que é o meu trabalho da maturidade, sabe, como alguém que tem uma concepção de documentário. Nessa série, eu fui uma realizadora: alguém que teve uma idéia e que fez uma concepção que eu acho inovadora. E a TV Cultura me deu as condições para fazer aquilo: tive 8 meses para fazer 2 horas e meia de programa. Isso foi por volta do ano 2000 e, de lá para cá, estou de saída. Eu gostaria de fazer grandes reportagens para a televisão, mas, para isso, gostaria também de uma qualidade, um conforto de produção que não existe mais. E, para fazer sem conforto, não quero.

Não quero mais andar em carro de reportagem... Satura, sabe... Eu fico vendo aqueles repórteres do *Jornal Nacional* que estão lá desde quando eu estava lá e não me conformo.... O cara faz a mesma entrevista, no mesmo lugar. Eu não entendo... Mas eles devem ter lá as vantagens deles e não devem dar a mínima importância para o trabalho, porque não tem nenhum desafio. É sempre a mesma matéria. E não precisava ser: a festa do Padre Cícero no Nordeste, por exemplo, muda de um ano para outro, cada vez que você vai lá é uma coisa diferente, mas os jornalistas fazem questão de destacar sempre as mesmas coisas, do mesmo jeito.

E tem outra coisa, sabe... Eu não tenho mais amor pela notícia; já tive, mas não tenho mais. Tem jornalista que tem muito amor pela notícia.

Descobertas

Eu continuo tendo dos jornalistas a concepção que não existe mais do gosto pelo novo, por descobrir. Isso aí eu acho bárbaro... Acho que, na minha vida, o jornalismo foi uma contingência para dar lugar a essa vontade de descobrir. Então, hoje, a minha atividade principal como jornalista é a publicação em relação à Unicamp, a *Inovação Unicamp*, que é uma publicação quinzenal via internet, de muito boa qualidade, muito interessante e tal, mas que tem uma repercussão limitada, por várias razões: somos só três jornalistas ,

um web-desinger, fazendo uma publicação com muito texto, um pouco na contramão do que se veicula na internet. E, inclusive, eu não quero que ela tenha muita repercussão.

O *Inovação* é jornalístico. Tem coisas que não são notícia, mas tem muita notícia. E, ali, a gente faz notícia profissionalmente: a gente quer dar antes, saber antes, descobrir. Causa problemas, porque as fontes estão acostumadas a um jornalismo cortês, né? É esse negócio em que todos os jornalistas concordam: o filme vai entrar em cartaz amanhã, então, hoje, só hoje, todo mundo dá a matéria. Isso é uma traição ao leitor, no meu entender. O leitor tem o direito de saber sobre o filme não só na hora em que o filme estreia. Você também faz quando o filme estreia, mas por que não fazer antes? Aí, os responsáveis pelo marketing do filme impõem isso aos jornalistas e os jornalistas concordam. E as fontes passam a achar que isso é jornalismo.

Fora do jornalismo de política, onde eu acho que ainda tem um vigor na atividade de dar a notícia antes, todo mundo quer dar junto, e aí faz uma aliança não com o leitor, não com o telespectador, uma aliança de outro tipo. Isso não é ser jornalista.

A minha concepção é muito diferente mesmo e, na verdade, eu fui ficando sozinha. Não tem ninguém daquela tradição onde eu formei minha concepção de jornalismo atuando no jornalismo propriamente dito.

É um dipolo: eu estou saindo, mas não deixa de ser verdade que eu estou sendo empurrada para fora.

Modelos

Olha, se eu tive alguém em que me espelhar na profissão, esqueci... Não lembro. Tem um cara na televisão americana, que faz um programa chamado *News Hour with Jimm Lerry*. Esse cara é um jornalista muito interessante. Ele é um cara muito sério e tem uma grande credibilidade nos Estados Unidos. Sempre foi da BBS, que é a televisão pública. E uma vez eu estava nos Estados Unidos e o vi numa entrevista, porque ele tinha recebido um prêmio. E ele disse: eu peço desculpas aos telespectadores por ter muitas vezes os entediado

com assuntos que são chatos, mas a minha função é, eventualmente, entediar as pessoas com assuntos que são importantes mas não são fáceis.

Então, essa é uma questão... Hoje, o jornalismo de televisão, o jornalismo de maneira geral, só trata do fácil, embora existam muitos assuntos importantes e que não são fáceis. Que deveriam ser tratados, mas não são, nem pelo jornalismo impresso, nem por nenhum jornalismo. Para você ter uma idéia, eu observo que leva um período de 5 a 10 anos para que um resultado do mundo científico, acadêmico, seja incorporado e apareça como “novidade” nos jornais e na televisão. São anos... É um negócio impressionante. Quando vira notícia, o resultado já está estabelecido há muito tempo, já não tem absolutamente nada mais de novo.

Eu não falo isso com desânimo, com desalento... Acho só que as coisas tomaram outra feição. É um modo de produção, um lugar de produção dentro da sociedade contemporânea que tem essas características que a gente está descrevendo aqui e não outras. Então ótimo, tudo bem, vão fazendo isso aí, mas eu, Mônica Teixeira, não... (Risos).

Mas, de qualquer forma, acho que o destino da notícia é ser publicada, apesar do jornalista....(Mais risos). O meu marido, Narciso, que já morreu faz 13 anos, antes de morrer já tinha criado a figura do “pau de matar notícias”, que ficava atrás da porta da redação da TV Globo. Se a notícia conseguisse subir a escada, chegar até a sala e bater na porta, o jornalista pegava o pau de matar notícias e acabava com ela! (Gargalhadas).

Outros rumos

Hoje, estou na rota de saída, vou deixar de ser jornalista num prazo específico. Tenho 51 anos. Quando tiver 60, pretendo ser outra coisa.

O que aconteceu na minha vida nesses anos, que são os anos desde a morte do meu marido, ou mesmo um pouco antes, até hoje, é que fiz uma análise pessoal muito longa, muito proveitosa, muito transformadora e à qual me dediquei muito. Então, a pessoa que eu era, quando eu era aquela jornalista que está na cabeça das pessoas... Não é que eu não seja mais aquela pessoa, mas

sou bastante outra pessoa. Então, não se trata de um desalento, um desânimo. É que mudou. Eu mudei.

Eu, hoje, já sou psicanalista. Curso de psicanálise, não tem. O que eu fiz: estágio em Psicoterapia Psicanalítica no Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp; análise pessoal; e sou editora associada da *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, responsável pela seção “Observando a Medicina”. No ano que vem, vou abrir um consultório. E, aí, eu pretendo, à medida que eu for ficando velhinha, ser só psicanalista.

Em relação à família, continuo morando sozinha. Gosto disso... Não acho que seja uma qualidade minha, mas tenho uma espécie de hábito de ser só. Minha mãe, dona Clotilde Teixeira, não mora comigo; meu pai, Juracy Teixeira, já morreu. Tenho uma meia-irmã, filha do meu pai... Duas, na verdade. E tenho duas sobrinhas, que moram perto da minha casa. Mas sou muito namoradeira, só não tenho família. Tenho uma relação estável com um cara... E é isso... Vamos dizer assim: a vida na redação é uma vida que já não me atrai, entendeu? Os caras entram aqui às 11 horas da manhã e saem às 9 horas da noite. Eles só falam entre eles, sobre coisas que interessam a eles, que são as notícias e como o assunto vai entrar ou não vai entrar... O mundo do jornalista é muito pobre, porque interage muito pouco com o resto da sociedade, é muito mediatizado. E eu acho que a vida é mais rica do que a vida que aparece na televisão, ou nos jornais. Então, essa é a minha divergência: o jornalismo que é feito hoje é um jornalismo morto... E eu não sou da morte, sou da vida.

Acho que o jornalismo já foi diferente, menos estandardizado. A estandardização mata, porque quer conformar o imprevisto do mundo segundo roteiros pré-traçados. Regras, crenças sobre como uma matéria é ou deixa de ser. E despreza-se o leitor, mais ainda o telespectador, que o jornalista acha que é um idiota. Aqui na Cultura, um dia, eu estava editando uma matéria com uma editora para o *Jornal da Cultura* e eu queria usar a palavra “incursão”. E ela não deixou! Eu discuti porque se a pessoa acha que o telespectador não pode escutar a palavra “incursão” não quer que o cara aprenda nada... Porque

digamos que ele não soubesse o que é a palavra “incursão”, digamos que ele não entendesse o conceito, ele poderia ter o impulso de abrir o dicionário. Porque, senão, o vocabulário vai ter que se resumir a cem palavras? Com cem palavras você estandardiza o mundo, porque nós precisamos das palavras para descrever o mundo com a riqueza que o mundo tem.

1) Ser jornalista

Uma reflexão acerca das histórias narradas pelas jornalistas Maria José Sarno, Helena de Grammont e Mônica Teixeira refere-se à importância da profissão na trajetória de vida de cada uma delas.

As três ingressaram no jornalismo, e no telejornalismo, bastante jovens e se dedicaram intensamente ao crescimento profissional. Maria José e Helena, já casadas e com filhos pequenos, encontraram meios de conciliar as demandas e horários puxados do jornalismo com as necessidades da família para que a carreira não ficasse em segundo plano. Mônica, solteira e sem filhos, optou por uma vida longe da casa dos pais desde muito cedo para se dedicar à profissão.

Maria José relembra: “Não foi fácil conciliar o trabalho; minha mãe me ajudou muito nesse período. Durante dois ou três meses, fiquei das cinco da manhã ao meio-dia na reportagem para depois entrar na pauta, à uma da tarde, e ficar até a meia-noite. E o bebê ficava com a minha mãe... Mas eu estava investindo, era a hora de fazer isso. Eu tinha, o que, 24 anos...” (p. 38).

Helena, diz, orgulhosa: “Nunca passou pela minha cabeça abandonar minha profissão. Eduquei meus filhos dizendo que o meu trabalho era importante para minha cabeça, para o meu humor e para o dinheiro da família, que faria falta a eles. E sempre houve uma compreensão. A Ana Júlia, a (filha) mais nova, às vezes chorava de saudade, disso, daquilo... Mas hoje está tudo superado.” (p. 59).

E Mônica, apesar de definir sua relação atual como o jornalismo como uma “ligação tênue” (p. 69), conta sobre o início da carreira: “Naquele momento, o jornalismo brasileiro tinha jornalistas, tinha um papel de desvendamento e tal... Havia uma inquietação... Aos 19 anos, saí e fui para o Paraná para trabalhar com jornalistas paulistas que estavam impedidos de atuar em São Paulo pela ditadura militar.” (p. 69).

Ao longo das narrativas, são vários os momentos de dedicação ao trabalho apontados pelas protagonistas, sejam eles nas novidades em que Zezé, vira e mexe, via-se envolvida – como os lançamentos de telejornais da TV Globo

ou o gerenciamento do escritório da TV Bandeirantes no Rio Grande do Sul – sejam eles nas reportagens de defesa ao consumidor de Helena, ou na série “Genoma”, de Mônica, definida pela jornalista como seu trabalho da maturidade para a televisão (p. 72).

2) Militância política

Tanto Zezé quanto Mônica apontam a militância política como um fator de aproximação ao jornalismo.

Mônica diz sobre o seu início na profissão, na época da repressão militar: “Querida continuar tendo uma atuação na sociedade e, como militante de esquerda, não podia mais. Eu já achava que não era por ali, que era impraticável. Já havia sido presa, não dava mais. As pessoas com quem eu militava haviam sido presas também. Bom, então, eu escolhi uma carreira em que eu pudesse ter uma atuação social profissional e não nas horas vagas.” (p. 62).

E Zezé, sobre sua entrada na equipe de pauta da TV Globo, destaca: “Fui convidada a ir para a pauta. Eu acho que a minha formação política contribuía muito mesmo porque, na pauta, qual era a minha facilidade, eu não era uma pessoa ingênua. Com a formação política, você aprende a olhar uma determinada situação e ver os interesses envolvidos, as relações que se formam, como é que aquilo tudo se constrói.” (p. 36).

Já Helena não menciona a militância política, propriamente dita, nem na sua fase pré-jornalista nem no dia-a-dia do jornalismo, mas ressalta, diversas vezes, a busca pela ética, que herdou dos ensinamentos da família – mais especificamente, do pai. Ela diz: “Levei isso para a minha profissão, para, inclusive, poder discutir, brigar por aquilo em que acredito.” (p. 49).

3) Raízes

Helena destaca o papel do pai na formação de seu caráter pessoal e profissional, relembrando passagens singelas e marcantes de sua infância, como as aulas de vocabulário que ele regularmente oferecia, dicionário nas mãos, aos 10 filhos, todos reunidos. “A gente adorava esse momento, que era hora de aprender alguma coisa, de aprofundar um pouco. Porque, quando a gente é adolescente, jovem, quer ficar perto das coisas mais fáceis. E meu pai ensinou que a gente tem que buscar as coisas... Procurar e achar essas coisas”, ela diz (p. 49).

Zezé também fala diversas vezes das lições de vida que recebeu do pai e da importância dele para que ela adquirisse os valores, até sobre a profissão, que tem hoje. “Essa história do meu pai influenciou muito a maneira da gente encarar o mundo porque, se por um lado tinha a minha mãe, que era até mais esnobe, meu pai era um homem muito simples e acostumado a lidar com asperezas. (...) Assim, depois, na minha profissão, sempre trabalhei com tranquilidade, porque fui acostumada a esses valores desde cedo.” (p. 28).

Aqui, vale a pena destacar que, embora Zezé não atribua diretamente à mãe participação nesse processo de formação de valores e visão de mundo, a jornalista lembra que foi a mãe quem a auxiliou de forma imprescindível quando ela precisava deixar em casa o filho pequeno para cumprir a jornada de trabalho das cinco horas da manhã à meia-noite na TV Globo: “Não foi fácil conciliar o trabalho; minha mãe me ajudou muito nesse período. Durante dois ou três meses, fiquei das cinco da manhã ao meio-dia na reportagem para depois entrar na pauta, à uma da tarde, e ficar até a meia-noite. E o bebê ficava com a minha mãe...” (p. 38).

Helena não faz referência direta à mãe – que também se chama Helena de Grammont – na sua jornada de amadurecimento como mulher e jornalista. Mas se remete a ela diversas vezes quando fala sobre o assassinato da irmã, Eliane, ainda que ela própria, Helena, jornalista, apareça mais como esteio, elemento aglutinador da família, do que a mãe.

A partir do relato de Helena, que confere grande espaço ao assassinato de Eliane, o episódio pode ser visto como um trágico divisor de águas na história da jornalista, que chegou a se afastar da redação da TV Globo durante um ano, para executar um trabalho com uma demanda menor de horário na Abril Vídeo, a fim de acompanhar de perto, como testemunha de acusação, o processo de condenação de Lindomar Castilho. Ao concluir sua fala sobre o crime, Helena diz: “Eu estou contando isso para você para te dar uma idéia de todo o contexto... Porque as pessoas não têm noção disso. Já que a gente está falando de jornalismo, de ética... Eu sou ética. Eu não inventaria e não aumentaria nem um tostão. Não existe faz-de-conta no jornalismo.” (p. 53).

Já a narrativa de Mônica aponta que sua formação como jornalista aconteceu de maneira muito independente em relação à família. Não apenas ela optou por sair da casa dos pais, aos 19 anos, para trabalhar em outro estado no início da carreira, como, hoje, desde a morte de seu marido Narciso Kalili, também jornalista, em 1992, aos 56 anos, em função de uma parada cardíaca, mora sozinha. “Não acho que seja uma qualidade minha, mas tenho uma espécie de hábito de ser só”, pondera (p. 75).

Tanto Zezé, quanto Helena e Mônica tiveram maridos jornalistas (Helena continua casada com um, Juarez Soares).

4) Horizontes

Apesar da semelhança sob alguns aspectos, já mencionados acima, a observação dos relatos de Zezé, Helena e Mônica nos revela que as narradoras desenvolveram, ao longo de suas trajetórias, concepções do jornalismo bastante diferentes entre si.

Hoje, se Helena se mostra satisfeita como jornalista e com o papel que desempenha no telejornalismo, Maria José parece considerar sempre uma possibilidade de dar uma nova guinada na carreira, enquanto Mônica se diz na rota de saída do jornalismo, como profissão, por não concordar mais com as regras do jogo.

Mônica nos incita a refletir: o que é o jornalismo hoje? Ela diz: “O jornalista era alguém que trabalhava num jornal, ou em televisão, etc... Hoje, o jornalista é qualquer coisa: tem jornalista que é assessor especial do ministro (Antônio) Palocci. E não é assessor de imprensa, absolutamente, é assessor especial do Palocci. E por que ele está lá? Porque ele era jornalista de economia. Então, tem uma espécie de diluição do contorno da profissão, tanto por causa da multidão de coisas que se abre em frente ao jornalista, quanto também porque o mundo é assim agora, né... Os limites são menores, mais difusos.” (p. 66-67). E complementa: “Também há uma desespecificação da função de jornalista, que foi dada pela televisão, que mistura um pouco. Porque é assim: o Ratinho entrevista; a Adriane Galisteu entrevista. Entrevistar já foi uma função própria do jornalista. Hoje, absolutamente, não é.” (p. 67).

Mônica faz suas observações sobre o jornalismo, e o futuro da profissão, com muita maturidade e pondera: “Não é algo necessariamente ruim... É mais campo de trabalho e a flexibilidade profissional, embora seja vista com muito receio pelas profissões estabelecidas, é uma grande liberdade. Traz para as pessoas que conseguem suportar a precariedade que vem junto com a flexibilidade uma grande liberdade. É maior o leque de possibilidades. Você tem mais alternativas, embora você possa não ter um emprego, um vínculo empregatício e tal.” (p. 67).

Mas a jornalista é enfática em seu julgamento sobre a falta de comprometimento social do jornalismo de televisão hoje. “O telejornal é, antes de qualquer coisa, um programa de televisão. A narrativa que se dá ali é uma narrativa ficcional. É difícil separar o *Jornal Nacional* do que vem antes e do que vem depois ou do que vem no meio. Qual é o negócio da televisão? O negócio da televisão é vender espaço publicitário. O que vai entre os anúncios não é o negócio da televisão e a gente tem ilusão a esse respeito. O negócio da televisão não é fazer novela, fazer jornal, programa jornalístico, *Globo Repórter*, programa de entrevista, não! Isso tudo é pretexto para o negócio. E qual é o negócio? Vender. Então, o critério ‘o que é verdade e o que não é verdade’ não é um critério bom para a programação da televisão”, avalia a jornalista (p. 68). E Mônica prossegue: “Eu não tenho mais nenhuma ilusão sobre uma transformação da sociedade por meio do jornalismo, especialmente o de televisão. (...) Aquele desejo de transformação social pelo jornalismo, lá do início da carreira, era muito datado. Tinha muito a ver com a ditadura e o fim da ditadura. Naquele momento, o jornalismo brasileiro tinha jornalistas, tinha um papel de desvendamento e tal.” (p. 69).

Mônica acrescenta que, dos jornalistas daquela época, continua tendo a concepção (que não existe mais, do seu ponto de vista) do gosto pelo novo, por descobrir. Por isso, paralelamente à atividade de psicanalista, a que pretende se dedicar nos próximos anos, Mônica planeja continuar a desenvolver seu trabalho na publicação quinzenal via internet *Inovação Unicamp*, em parceria com a Unicamp. Pelo endereço eletrônico (www.inovacaounicamp.br), é possível ter acesso ao material. Há textos informativos, bastante densos e extensos para os padrões das publicações na rede.

Ainda que na “rota de saída” do jornalismo, como ela própria diz, Mônica-psicanalista procura novas possibilidades para o exercício dessa profissão, que, hoje, talvez, enfrente uma crise de identidade.

5) Mulher jornalista na televisão

A leitura das três histórias de vida pode nos remeter, ainda, à reflexão sobre o que é ser mulher jornalista no telejornalismo hoje.

Os relatos de Zezé, Helena e Mônica apontam que cada uma das entrevistadas relaciona de uma forma diferente sua trajetória profissional do passado com a perspectiva de atuação no presente e no futuro.

Helena, que se declara “muito realizada como mulher, profissional e mãe (p. 60), parece inabalável em seu propósito de continuar a exercer sua atividade de repórter na televisão, acreditando na importância de sua tarefa de dar voz aos anônimos em suas matérias, trabalho que, ela destaca, “é dever do jornalismo.” (p. 56). Ao mesmo tempo, ela também parece incansável na tentativa constante de conceber as reportagens fora da estrutura convencional, que prioriza o texto e a passagem do repórter, para que os entrevistados tenham mais espaço para falar. “Eu já tenho uma voz marcante, um nome marcante, por que eu vou roubar o espaço do meu entrevistado?”, ela diz (p. 54-55).

Zezé também parece satisfeita com o trabalho que desempenhou no telejornalismo até aqui. É motivo de realização, por exemplo, a persistência que a jornalista sempre cultivou para alcançar suas metas profissionais, que se revela diversas vezes na narrativa, como, por exemplo, na ocasião em que Zezé ficou de fora da lista de selecionados para um estágio na TV Globo. “O dia em que eu olhava aquela lista e eu não estava – eu me lembro até hoje – eu estava na porta da Globo e eu disse: eu juro, mas eu juro que eu ainda trabalho aqui! Vou fazer o que for, mas esses caras não vão me deixar fora desse lugar...”, ela relembra (p. 34). Zezé também fala com satisfação sobre a sua participação em vários trabalhos na TV, como a cobertura das eleições em São Paulo, em que ela entrou ao vivo 13 vezes num só dia sem ainda saber ao certo como funcionava o mecanismo daquele processo (p. 39). Mas, diferentemente de Helena, Zezé deixou a reportagem. Hoje, ela trabalha na redação, como editora, e reforça em seu relato a importância que outras demandas assumiram em sua vida, como a faculdade de musicoterapia, a Yoga e, principalmente, os cuidados com o pai.

Mônica também destaca trabalhos recompensadores no telejornalismo, como o programa *Opinião Nacional*, na TV Cultura e a série “Genoma”, feita na mesma emissora (p. 72). Mas a jornalista fala sobre as conquistas de forma mais comedida que Zezé e Helena e também aponta experiências que para ela foram ruins na televisão, como período na chefia do *SBT Repórter*, do SBT. “Quando saí do *SBT Repórter*, no final de 1997, decidi que iria parar de ser escrava; foi a última vez ali em que fui escrava. (...) Também decidi que não iria mais ser chefe de ninguém, porque foi muito desgastante a chefia no *SBT Repórter*. É muito chato ser chefe”, ela pondera (p. 71). Além disso, Mônica faz questão de reiterar que está se afastando cada vez mais do jornalismo praticado nas redações – principalmente nas de televisão – para se dedicar à sua publicação via internet e aos novos rumos como psicanalista.

Os três relatos nos apontam diferentes graus de identificação das entrevistadas com o dia-a-dia de trabalho na televisão e com o próprio jornalismo, ao longo do caminho já percorrido e em relação às expectativas para o futuro. E nos indicam que há diferenças marcantes entre ser mulher jornalista na televisão, como um fim em si mesmo, e ser mulher jornalista na televisão como meio para alcançar outros objetivos.

PARTE V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBEIRO, Heródoto e LIMA, Paulo Rodolfo de. *Manual de Telejornalismo – os segredos da notícia na TV*. Rio de Janeiro, Campus, 2002.
- BELLE, F. *Executivas: quais as diferenças na diferença*. In: CHANLAT, J. F. (coord.), *O indivíduo nas organizações*. São Paulo, Atlas, 1993.
- BLAY, Eva Alterman. “Um caminho ainda em construção: a igualdade de oportunidades para as mulheres.” In: *Revista USP*. São Paulo, n. 49, mar./maio, 2001, p. 82-97.
- BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo, Ática, 1986 (Série Princípios).
- BUCCI, Eugênio (org.). *A TV aos 50 Anos: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2000.
- CALDAS, Alberto Lins. *Oralidade, Texto e História: para ler a história oral*. São Paulo, Loyola, 1999.
- CRIADO, Alex. Dissertação de Mestrado. *Repórteres Pioneiras: resgate da trajetória de três jornalistas através da História Oral*. São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, vol. 1, 2000.
- FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 205-277.
- GOSWAMI, Amit, *A Janela Visionária*. Edição traduzida, São Paulo, Pensamento-Cultrix, 2000.
- HABIB, Lia. *Jornalista: profissão mulher*. São Paulo, Sapienza, 2005.
- HELOANI, José Roberto. *Mudanças no Mundo do Trabalho e impactos na Qualidade de Vida do Jornalista*. São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, Relatório n. 12, 2003.

- KOSHIYAMA, Alice Mitika (org.). *Mulheres Jornalistas: Opções Profissionais para a Construção da Cidadania*, São Paulo, Com-Arte, 2000.

- KOSHIYAMA, Alice Mitika. As Mulheres Jornalistas na Imprensa Brasileira, texto apresentado no XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Campo Grande.

- LIMA, Edvaldo Pereira, *Páginas Ampliadas*. Barueri, São Paulo, Manole, 2004.

- MAHONY, Pat e ZMROCZEK, Christine (ed). *Women and Social Class – International Feminist Perspectives*. London, UCL Press, 1999.

- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo, Edições Loyola, 4ª edição (revista e ampliada), 2002.

- MEYER, Dagmar E. Esterman. “Saúde da Mulher: indagação sobre a produção do gênero”. In: *O Mundo da Saúde*. São Paulo, ano 23, v. 23, n. 2, mar./abr. 1999.

- MOTA, Adriana e MENEZES, Mariana. *O Jovem Poder da Mulher Jornalista*. In *Revista Imprensa*. São Paulo, n. 149, junho/2000, p. 23-37.

- RIBEIRO, José Hamilton. *Jornalistas 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones*. São Paulo, Imesp, 1998.

- SCHMIDT, Benito Bisso. “Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: aproximações e afastamentos. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 10, n. 19, p. 1-156.

- SCOTT, Joan. “Experiência”. In: *Falas de Gênero*. Santa Catarina, Mulheres, 1999, p. 21-56.

- SCOTT, Joan. *Gender and Politics of History*. Columbia University Press. 1988.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*, Martins Fontes, Rio, 1983.
- THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado – história oral*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- VARIKAS, Eleni. “Gênero, Experiência e Subjetividade”. In: *Cadernos Pagu* (3), 1994, p. 63-84.